

## Espólio epigráfico do património arquitectónico religioso da Misericórdia de Lisboa

Filipa Gomes do Avellar

A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa reúne em três edifícios um importante acervo de epígrafes, constituído essencialmente por lápides e tampas sepulcrais. Estas pedras, colocadas no chão ou nas paredes, são o suporte das mais variadas informações cujo objectivo é o de perpetuar no tempo a memória de um personagem, de um monumento, de um acontecimento ou ideologia. Consciente da importância deste património, que urge salvaguardar e divulgar, a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML) teve a iniciativa de levar a cabo a inventariação de todas as inscrições existentes actualmente no património arquitectónico da instituição.

O trabalho realizado abrange um conjunto de epígrafes dos séculos XVI a XIX, existentes no Edifício Sede da SCML (apenas uma epígrafe), no Convento de São Pedro de Alcântara (6 epígrafes) e na Igreja de São Roque (40 epígrafes). São igualmente referidas, com base em estudos anteriores, as nove inscrições hoje desaparecidas. Destacam-se os trabalhos de António Joaquim Moreira, *Collecção de Epithaphios, Inscriptões e Lettreiros*, manuscrito de 1864, e de Victor Ribeiro *A San-*

*ta Casa da Misericórdia de Lisboa*, publicado em 1902, constituindo ambos documentos preciosos uma vez que algumas das inscrições desapareceram entretanto. No entanto, nenhum destes autores faz qualquer tipo de comentário epigráfico ou paleográfico, limitando-se a transcrever, ainda sem normas, as inscrições observadas. Em 1940, José Maria Cordeiro de Sousa no *corpus* intitulado *Inscrições Portuguesas de Lisboa (Séculos XII a XIX)*, inclui as inscrições registadas por aqueles autores e no prefácio da obra manifesta já alguma preocupação com a metodologia e a aplicação de normas: *Conservámos, tanto quanto possível, a ortografia original e as abreviaturas; não mantivemos porém as gemações e os sinais que a tipografia não pode reproduzir com fidelidade. Também não fizemos reconstituições, nem comentários, por impróprios deste corpo, e para evitar erros fáceis de produzir, adoptamos o alinhamento pela esquerda. Porque nos pareceu útil, tentámos fazer acompanhar cada inscrição com a nota de algumas obras onde foi publicada, sem contudo haver a preocupação de organizar uma bibliografia. E dada a responsabilidade deste trabalho, julgá-*



Na era de mil e b. e. lxx. aos xxiii.  
nas de maio. se edificou esta ca-  
sa de sam. b. o nome da era de mil  
e. ex. l. aos xx. dias de febre-  
seco. se agrou polo b. p. do. uua-  
te rodito. b. p. outro q. p. auctorida-  
de apostolica. e cada um. aos xx.  
b. u. de fe. e. u. de uera. e uul. e ca-  
le do. a. o. m. z. m. o. m. o.

Inscrição comemorativa da consagração do adro da Ermida de São Roque



mos nosso dever indicar por quem foi feita a leitura de cada lápida.”<sup>1</sup>

Na investigação agora apresentada faz-se pela primeira vez o estudo metódico de cada uma das inscrições, sustentado por uma análise normalizada e acompanhado de um comentário epigráfico e paleográfico.

### Metodologia aplicada

As inscrições foram inventariadas por imóvel e localizadas na planta dos edifícios.

A metodologia utilizada baseia-se nas normas correntes de inventariação epigráfica, registando a tipologia da inscrição, a descrição formal da epígrafe, o tipo de material, o tipo de letra, a transcrição, a tradução (dos textos em latim), as dimensões (da inscrição, das letras, do espaço interlinear, da decoração)<sup>2</sup>.

Esta inventariação é completada com referências bibliográficas relativas às obras nas quais as epígrafes em estudo se encontram transcritas, assinalando-se as variantes de leitura, e biográficas<sup>3</sup>. Segue-se um comentário epigráfico, paleográfico e histórico.

Tentou-se, sempre que possível, cruzar a informação epigráfica com as informações registadas nos *Obituários da Igreja e Casa Professa de São Roque da Companhia de Jesus desde 1555 até 1704* (transcritos Vitor Ribeiro e publicadas em 1916) e com dados provenientes da pesquisa documental desenvolvida no Arquivo da Torre do Tombo e no Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

A tradução das inscrições em latim, importante contributo para este trabalho, foi realizada pelo Dr. António Meira, do Museu de São Roque.

1. J. M. Cordeiro de SOUSA, *Inscrições Portuguesas de Lisboa (Séculos XII a XIX)*, Academia Portuguesa de História, Lisboa, 1940.

2. Normas de transcrição: conservou-se a ortografia original mantendo as maiúsculas e/ou minúsculas e as letras sobreescritas; fez-se o desdobramento das abreviaturas em parêntesis ( ); actualizou-se a união e separação das palavras; conservou-se a pontuação e usou-se o hífen nas palavras cortadas pela mudança de linha, indicando-se esta com uma barra /; os caracteres desaparecidos por degradação do suporte, mas reconstituíveis são colocados entre parêntesis rectos [ ] e as partes do texto ou letras não reconstituíveis são

substituídas por reticências entre parêntesis [...]; debaixo das letras incompletas colocou-se um ponto; as leituras duvidosas são seguidas de um ponto de interrogação (?); os nexos são indicados sobrepondo um traço horizontal sobre as letras envolvidas e as inclusões e monogramas sobrepondo um arco; os erros não corrigidos vão seguidos por (sic).

3. As referências biográficas indicadas são, salvo duas excepções as registadas por Vítor RIBEIRO, *A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, ed. fac-similada, Academia das Ciências, Lisboa, 1998.



## IGREJA DE SÃO ROQUE

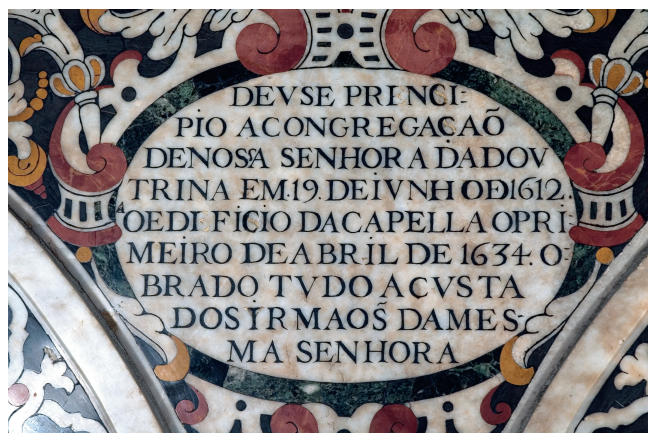


Planta da Igreja e antiga Casa Professa de São Roque  
com a localização das inscrições



## Capela da Senhora da Doutrina

N.º 1



Inscrição informativa da fundação da Congregação da Senhora da Doutrina, da construção da capela e do pagamento da mesma. Gravada na parede, do lado esquerdo da capela, num campo epigráfico de forma elíptica emoldurado por cartela, sendo parte integrante do revestimento parietal de embutidos. Sulcos das letras preenchidos com betume negro. Dimensões: 25x36; Tipo de letra: capital quadrada. Leitura: DEV- SE PRINCI- / PÍO A CONGREGAÇÃO / DE NOS<sup>a</sup> A SENHORA DA DOV- / TRINA EM .19.DE ÍVNHO DE 1612. / ^O EDIFÍCIO DA CAPELLA O PRÍ- / MEIRO DE ABRIL DE 1634. O- / BRADO TVDO A CVSTA / DOS IRMÃOS DA MES- / MA SENHORA

Altura das letras: 1.1 a 9: 1,6; 1.10: 1,7. Espaços interlineares: 1: 1,5; 2 a 10: 0,9; 11: 1,5.

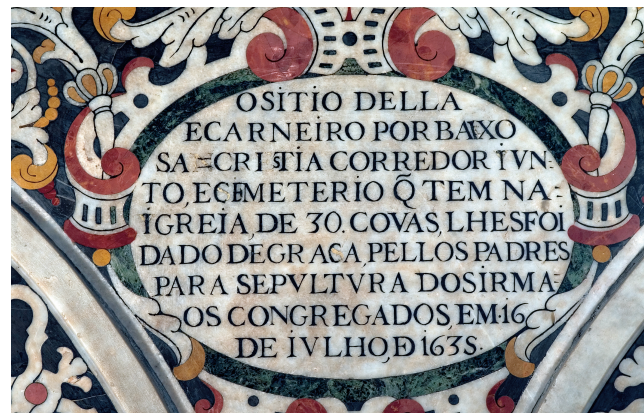
Bibliografia: Moreira, 1864, 2 vol., fl.323v; Ribeiro, 1902, p. 222; Sousa, 1940, p. 166, n.º 419 (leitura de Vítor Ribeiro).

N.º 2

Inscrição informativa da doação da capela e locais destinados à sepultura dos congregados. Gravada na parede do lado direito da capela, num campo epigráfico de forma elíptica, emoldurada por cartela, fazendo parte do revestimento parietal de embutidos. Dimensões: 25x36. Tipo de letra: capital quadrada.

Leitura: O SÍTIO DELLA / E CARNEIRO POR BAIXO / SA=CRISTIA CORREDOR ÍVN-/ TO, E CEMETERIO

Q(VE) TEM NA / IGREIA, DE 30. COVAS, LHES FOI / DADO DE GRACA, PELLO PADRES / PARA SEPVLTVRA DOS IRMA-/ OS CONGREGADOS, EM .16 / DE ÍVLHO, DE 1635.



Altura das letras: 1,5/1,6. (S de Sacristia=1). Espaços interlineares: 1: 1,4; 2 a 9: 0,9; 10: 1,7.

Bibliografia: Moreira, 1864, 2 vol., fl.323; Ribeiro, 1902, p. 222; Sousa, 1940, p. 167, n.º 420 (leitura de Vítor Ribeiro).

Variantes de leitura: Moreira: leu “SA=CRESTIA” por SA=CRISTIA” e “CIMETERIO” por “CEMETERIO”.

Estas duas inscrições, concebidas em simultâneo e cujos textos se complementam, devem ser tratadas conjuntamente.

Os textos visíveis actualmente não correspondem à versão original. Em época que se desconhece modernizou-se a ortografia de certas palavras permanecendo contudo, os sulcos que permitiram detectar esta mudança. Assim na inscrição n.º. 1 verifica-se a alteração: “PRENSIPIO” para “PRINCIPIO”; “CONGREGASÃO” para “CONGREGAÇÃO”; “NOSA” para “NOSSA”; acrescentou-se a preposição “A” ao artigo “O” para formar a contracção “AO”; “EDEFISIO” para “EDIFÍCIO”; “YRMÃOS” para “IRMÃOS”; e na inscrição n.º 2: “SANCRESTIA” para “SACRISTIA”; “YVNTIO” para “IVNTIO”; “SIMETERIO” para “CEMETERIO”; “YGREIA” para “IGREIA”; e “GRASA” para “GRACA”.

Estas alterações não se detectam de imediato, provando terem sido executadas por um canteiro experiente.

De facto, o processo exigiu precisão e cuidado uma vez que a mais pequena falha comprometeria os textos. Para conseguir executar quase na perfeição estas modificações utilizaram-se diferentes métodos. Um deles, o mais frequente, consiste no preenchimento com betume branco-amarelado dos sulcos da letra que se pretendia alterar, fazendo com que a mesma se “apagasse”, pintando-se por cima, de preto, a nova letra; utilizado com menos frequência, verifica-se o recurso a letras de menor módulo que integram a ortografia antiga a fim de a modernizar. Num único caso, tapou-se uma letra com o referido betume, disfarçando-se o espaço que ela ocupava por um sinal. A transformação da palavra “SANCRESTIA” em “SA=CRISTIA” ilustra bem os processos descritos: para “apagar” o “N”, entre o “A” e o “C”, preencheram-se os sulcos com argamassa branca e gravou-se por cima o sinal =, que à época em que a inscrição foi feita correspondia ao hífen (tal como aparece na separação das palavras em ambas as epígrafes), e portanto neste contexto não se justifica; transformou-se o “E” num “I” e acrescentou-se um “S” de menor módulo encostado ao “T”.  O conteúdo destas inscrições é amplamente sustentado pela documentação compilada em códices da Congregação de Nossa Senhora dos Prazeres da Doutrina, em grande parte inédita. Estes documentos têm uma importância relevante para o conhecimento de vários aspectos da Congregação. Reúnem informações sobre a sua fundação, elementos relativos à edificação da capela, à concessão dos espaços de inumação e à construção das sepulturas e carneiros, para além de registarem minuciosamente os procedimentos e normas instituídos pela Companhia de Jesus relativos aos enterramentos dentro da Casa Professa de São Roque, incluindo as capelas das congregações que alberga. Justifica-se aqui, portanto, a transcrição de parte desta documentação, uma vez que a vivência da Capela da Doutrina é semelhante à das restantes capelas das outras congregações sedeadas em São Roque.

4. IAN/TT, *Hospital de São José*, Livro 1283.

No fólio 124 do códice intitulado *Livro do tombo de cartas que a congregação escreve a Roma ou outra qualquer parte, e das respostas que delas vierem, sendo coisas de importância a seu governo. E das escrituras, e verbas de testamentos e procurações feitas em notas, ou na mesa da congregação feitas pelo secretário. E das contas da receita, e despesa que se achar, que no cabo do ano que a mesa a acabar, tem recebido, e despendido, sem embargo de se lançarem, em livros particulares. Ordenados no ano de 1664*<sup>4</sup>, explica-se o título da Congregação: (...) *porquanto os padres de São Roque assinaram aos irmãos dela a capela que chamavam da Doutrina, em que estava uma imagem de Nossa Senhora na qual celebravam cada ano uma festa solene em dia de Nossa Senhora dos Prazeres; e porquanto os livros e patentes da dita Congregação estavam escritos com título de Nossa Senhora da Doutrina por evitar o inconveniente que é haver duas capelas do mesmo título em uma mesma igreja o puseram à sua nova capela de Nossa Senhora dos Prazeres da Doutrina.*

A inscrição n.º 1 refere que a congregação teve início a 19 de Junho de 1612, embora segundo o mesmo Livro do Tombo esse acontecimento tenha ocorrido a (...) *dezassete de Junho, dia da Santíssima Trindade, no coro da igreja de São Roque da Casa Professa da Companhia de Jesus desta cidade de Lisboa, se ajuntaram alguns mancebos solteiros oficiais mecânicos, para isso chamados, por ordem do reverendo padre Álvaro Pires Pacheco, da mesma Companhia, para instituir uma congregação de homens solteiros oficiais mecânicos com título de Nossa Senhora da Doutrina e assim foi instituída no dito dia, à tarde, e logo foi eleito por perfeito dela Fernão Ferreira, pedreiro* (...).<sup>5</sup>

Em relação ao início e custeamento da obra as informações compiladas no referido códice confirmam as da inscrição e explicam que *No ano do senhor de 1634 em o primeiro de Março se começou a lavrar a pedraria de que os irmãos desta Congregação à sua custa mandaram fazer a capela nova de Nossa Senhora dos Prazeres da Doutrina e, em o primeiro de Abril do dito ano, se lançou a primeira pedra fundamental,*

5. Idem, *ibidem*, fl. 123.



*em um sábado à tarde véspera da Dominga de Paixão (...) era Papa Urbano oitavo, no undécimo do seu pontificado, preposito geral da Companhia de Jesus o reverendíssimo padre Murcio Vittelleschi, e provincial neste reino o reverendo padre Luís Lobo, e perfeito da Congregação Bartolomeu Fernandes a tudo assistiu o (fl. 124) padre Álvaro Pires Pacheco como presidente e instituidor da Congregação...*<sup>6</sup>

A edificação da capela implicou um contrato prévio com os mestres pedreiros redigido a 26 de Março de 1634:

*(...) na Casa de São Roque da Companhia de Jesus e na da Mesa da Congregação de Nossa Senhora dos Prazeres da Doutrina, presentes padre Álvaro Pires Pacheco da dita Companhia e presidente da dita Congregação (...) Bartolomeu Fernandes, perfeito, (...) da uma parte e da outra Leonardo Jorge e Gregório Luís mestres pedreiros irmãos da dita Congregação e ambos oficiais na dita Mesa um assistente e outro presidente e logo por eles partes foi dito a mim tabelião (...) que o provincial da dita Companhia tem dado e aplicado à dita Congregação o sítio e lugar (...) para nela fazerem uma capela com seu carneiro (...) uma sacristia (...) e portanto eles presidente perfeito e mais irmãos da Mesa (...) se deliberaram mandar fazer a obra da dita capela e sacristia e para isso fizeram fazer uma planta e traça debuxada por ele Gregório Luís e tendo-a feito tratara de buscar oficiais mestres pedreiros que a fizessem na forma da dita planta, e por eles Leonardo Jorge e Gregório Luís quererem tomar a seu cargo a dita obra o manifestaram na dita Mesa e pediram nela quisessem encarregar-lha para a fazerem com todo o cuidado e perfeição no que todos vieram assim por serem ambos irmãos e oficiais na dita Mesa como pela suficiência que em sua arte têm e portanto estão eles partes nos nomes que representam contratados e se contratam sobretudo na forma e maneira seguinte, a saber: que ele Leonardo Jorge e Gregório Luís se obrigam que farão à dita Congregação e Irmãos (...) pela traça e maneira que o dito António Gomes de Elvas fez e tem feito a sua, com a pedraria dos arcos brunidos e as ilhargas de*

*pedraria lustrada de varias cores e um carneiro tudo na forma da planta e traças feitas por ele Gregório Luís que estão assinadas por eles mestres, e por ele perfeito, (...) (fl.139v)(...) por preço e quantia de 500 mil reis por contado (...) que darão assentado e acabado o arco da frontaria da dita capela por todo o mês de Abril próximo (...) e no dito ano e do dito tempo em diante sempre irão continuando com a dita obra e fazendo-a sem parar (...)*<sup>7</sup>

A inscrição n.º 2 refere-se ao sítio da capela e sepulturas, esclarecendo o Livro do Tombo que:

*No Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1634 em vinte e três dias do mes de Fevereiro na cidade de Lisboa na Casa Professa de São Roque da Companhia de Jesus na sacristia dela estando aí presentes o muito Reverendo Padre Luís Lobo Provincial da Companhia de Jesus na Província deste Reino, e o Reverendo Padre Sebastião Rodrigues preposito da dita Casa de uma parte, e da outra, os irmãos da Mesa da Irmandade da Congregação de Nossa Senhora da Doutrina, sita na mesma Casa de São Roque, e os presidentes das freguesias da dita Irmandade (...) que servem actualmente na Mesa (...) que eles com autoridade que têm do reverendíssimo padre Murcio Vittelleschi geral da dita Companhia e com consentimento dos mais padres, que neste caso deviam concorrer conforme suas constituições, e modo de governo, aplicavam, consignavam, davam e assinavam a eles sobreditos Irmãos e aos mais presentes e futuros da dita Irmandade e Congregação de Nossa Senhora dos Prazeres da Doutrina o lugar e sítio que fica imediatamente à capela que de presente para si faz António Gomes de Elvas, da invocação de São Francisco Xavier, para nele eles irmãos e os mais da dita Congregação e Irmandade fazerem uma capela da dita invocação... do tamanho e na mesma correspondência das mais da dita igreja de São Roque... o lugar e sítio que fica entre a porta travessa (que ora se abriu, e ainda há-de acabar de aperfeiçoar que vai da dita igreja para o claustro da dita Casa) até a parede da dita igreja da parte da rua (ficando para*

6. Idem, *ibidem*, fls. 123v-124.

7. Idem, *ibidem*, fls. 139-142.

*serventia do dito claustro para a igreja um corredor com a largueza que a eles padres parecer necessário) para que no dito lugar e sítio eles irmãos façam uma casa de sacristia da dita Irmandade, e nela tenham a fábrica da dita capela e começarão a fazer a obra dela, e da dita sacristia com toda a brevidade e rompendo para isso a parede da dita igreja, assim como fez o dito António Gomes de Elvas, e tanto que a começarem não poderão levantar (fl. 136) dela mão, nem parará até se acabar, e para que brevemente se faça meterão os oficiais convenientes, e na dita capela poderão fazer as sepulturas que no sítio se hão dela couberem, ou um carneiro, com toda a perfeição, e melhor traça que puder ser com declaração que vindo a cheirar mal o dito carneiro logo o taparão, e se não sirvam dele, e tornarão a fazer em seu lugar, sepulturas, (...) e nem no dito carneiro, nem nas ditas sepulturas se poderão enterrar se não congregados irmãos (...) que na Mesa dela se ordenar, sem que mais eles padres presentes ou futuros possam dar licença a outra pessoa alguma para que se enterre na dita capela porque para que assim seja (...) renunciam de si todo o direito, caução que tenham, e possam ter.*

*E poderão eles congregados pôr na dita capela e parte dela que lhe parecer uma pedra com letreiro em que se declare como a mesma capela é da dita Congregação e sua Irmandade assim e na forma que estão em outras capelas da dita igreja que pertencem a várias pessoas (...) aceitam para a dita Irmandade e Congregação o dito lugar (...) que farão a dita capela com toda a perfeição em correspondência (136v) das demais da dita igreja (...)*<sup>8</sup>

Fica assim justificada a existência das inscrições (letreros) nas capelas da igreja de São Roque, e a similaridade arquitectónica entre elas.

Quanto à doação efectiva das covas referidas na epígrafe, conservação dos espaços funerários e forma dos enterramentos refere ainda o código que:

*(...) no ano de 1635 a 16 de Julho, na cidade de Lisboa, na Casa Professa de São Roque (...) padre Pedro da*

*Rocha provincial da Companhia de Jesus, e o reverendo padre António de Moraes preposito da dita Casa de uma parte e da outra os irmãos da Irmandade da Congregação de Nossa Senhora dos Prazeres da Doutrina sita na mesma Casa padre Álvaro Pires da dita Companhia presidente da dita Congregação e Bartolomeu Fernandes procurador das obras e coisas da capela o perfeito Pedro de Sousa e seus assistentes (...) (fl.145v) por não terem cemitério certo e separado para o enterro dos irmãos dela e suas mulheres pedindo-lhes que havendo respeito ao muito que tinham gastado e gastarão na obra da capela que ora vão acabando da dita Irmandade na igreja da dita Casa (...) quisessem-lhe dar-lhes e aplicar-lhes a dita capela para jazigo dos irmãos da dita Irmandade e suas mulheres que nela se quisessem sepultar o sítio e lugar que dista do pedestal que divide as capelas de António Gomes de Elvas da dita Congregação até à teia da dita igreja e daí em direitura até à porta travessa da dita igreja unindo-o à dita capela in perpetuum e que eles o tenham com o lajeamento e perfeição conveniente (...) [viram] o dito pedestal que divide a capela do dito António Gomes de Elvas que é da invocação de São Francisco Xavier da deles Congregados de Nossa Senhora (...) até à teia da dita igreja e daí directamente até à porta travessa dela para que em todo o dito sitio possam fazer escrituras para enterro perpetuum da dita Irmandade irmãos congregados dela e suas mulheres, presentes e futuros, com as condições e declarações seguintes (...) a saber que todo o dito sitio estará sempre lajeado na forma que ora está ou com diferentes pedras e lajeamento e querendo mudar-lhas de modo que fique melhorado e com a decência necessária e que nele se poderão enterrar todos os irmãos congregados da dita Congregação presentes e futuros e suas mulheres (...) contanto que os tais enterros se farão (fl.146) de dia quando for possível e a horas que não perturbem a clausura da dita Casa de São Roque nem nos dias que houver sermão, enquanto durar, haverá enterro algum, nos dias solenes e (...) se procurará que se*

8. Idem, *ibidem*, fls. 135-138.



*jam sem solenidade porque não perturbem nem inquietem a gente que estiver na dita igreja e que na mesma igreja de São Roque se não farão ofícios pelos defuntos nela sepultados (...) E com estas condições hão por bem que usem do dito sítio como coisa anexa e unida à dita capela de Nossa Senhora dos Prazeres da Doutrina (...) e dão poderes a eles Irmãos para que do dito cemitério fazerem enterro perpetuo enquanto para se fazerem os ditos enterramentos na forma desta escritura. E para dele usarem para o que lhe fica aplicado possam tomar a posse e da dita capela (...) a qual lhe hão por dada (...).*<sup>9</sup>

A primeira missa foi rezada no dia 15 de Abril de 1635, não estando, contudo, a obra totalmente acabada: (...) *mas estava feito tudo o que era do ofício de pedreiro desde as cimalthas até o lajedo, e a abobada estava fechada sobre simples (=cimbres), os quais senão (fl.125) puderam tirar por a outra capela de S. Francisco Xavier não ser coberta a sua abobada, e desta maneira se continuou com as missas, estando os simples e respaldo da capela armado de sedas, e com um altar de madeira. Estes irmãos instituíram os capelães para dizerem missa quotidiana e acompanhar os enterros (...)*<sup>10</sup>.

O primeiro irmão que se sepultou neste cemitério foi um João Ribeiro, alfaiate, morador ao Espírito Santo, em 29 de Julho de 1635, na sepultura n.º 1.

Com o decorrer dos tempos estas covas vieram a tornar-se insuficientes para se sepultarem os irmãos desta Congregação e, tal como é referido numa escritura de doação feita a 23 de Agosto de 1663:

*(...) a Irmandade pediu ao reverendo padre da Companhia que só pode dar direito das sepulturas nas suas igrejas lha desse nesta de São Roque algum sítio e covas para enterro dos Irmãos principalmente pobres (...) e o reverendíssimo padre geral remeteu nisto seus poderes aos reverendos padres provincial e preposito que então eram os quais lhe concederam as covas que vão da pia de água benta da par-*

*te da Epistola correndo pela teia até defronte da mesma capela e outras que ficam logo junto a elas da banda da portaria tudo liberalmente, e com as condições com que se concedeu o sítio da capela (...) crescendo o numero e devoção dos Irmãos por uma parte para lhes satisfazer não bastam as ditas covas e por outra cresce com os muitos mortos nas mesmas covas o mau cheiro na igreja e o solho (=soalho de madeira) e pedraria dela se trata mal, abrindo-se tantas vezes as sepulturas e não fica com a igualdade e limpeza que a Companhia tem nas suas igrejas pediu a dita Irmandade de novo ao padre geral lhe desse mais algumas covas e o reverendíssimo padre geral (fl. 151) remeteu esta petição ao muito reverendo padre provincial para que com o parecer do padre provincial e mais padres lhe deferi-se como julga-se ser conveniente (...) conceder à dita Congregação (...) o sítio que está debaixo do coro e sua largura até as colunas com as condições seguintes, a saber que farão nele um carneiro que traçara e assistirá a obra dele João Luís mestre das obras da dita Casa para que não possa prejudicar em coisa alguma a dita igreja, antes fique mais forte e segura. Item mais que no dito carneiro se façam duas portas defronte das portas travessas da igreja e no meio uma cova funda para lançar os ossos, e no mais sítio dele se farão as covas repartidas que couberem com seu panos de tijolo, e nas quais os corpos se cubram de cal com que se enterrarão, e será obrigada a Irmandade a aparelhar e a juntar todo o necessário para a dita obra primeiro que se comece de maneira que se possa acabar com toda a brevidade e não impida (=impeça) o serviço e limpeza da igreja. Item mais que a Irmandade concertará o lajeamento do dito carneiro à sua custa de maneira que fique muito igual, firme e bem consertado. Item mais que tanto que se puderem enterrar os Irmãos no dito carneiro se não poderá enterrar nas outras covas que têm defunto algum. E por fazer maior favor à dita Irmandade concede ele padre provincial que feito o dito carneiro possa a Irmandade continuar mais com ele quanto diz o vão da dita capela com condição outrossim de consertar o lajeamento*

9. IAN/TT, *Hospital de São José*, Livro 1283, fls. 145-147.

10. Idem, *ibidem*, fls. 124v-125.

*com tudo o mais na forma referida, e faltando a Irmandade, ou Mesa, em alguma destas condições não (fl.151v) terá efeito esta licença (...) [e] não poderá desse dia em diante enterrar algum defunto, pessoa oficial em alguma das sepulturas que lhe estão concedidas nem alegar para isso posse ou direito de sepultura (...) Item que os ossos que estão nas sepulturas defronte da dita capela, e os mais se mudarão dali para o cemitério que se há-de fazer dos ossos, que parece ser mais conveniente, fazer-se no lugar das covas que estão entre a capela e a sacristia da dita Irmandade fazendo-se para isso no dito lugar, um carneiro, ou abóbada como for mais conveniente. E desta maneira disseram eles partes que estão contratados avindos e de acordo sobre tudo o declarado nesta escritura (...)»<sup>11</sup>.*

Ainda segundo o mesmo códice sabe-se que esta escritura é denegada em 1664, em parte devido a conflitos internos entre padres e congregados:

*(...) porque suposto que alguns sujeitos contrários aconselharam ao padre preposito, que Deus tem, que não nos deixasse continuar com a obra do carneiro, porque era em prejuízo da Casa de São Roque que só vive de esmolas, e que naquele terreno que se nos tinha dado se podiam fazer covas para algumas pessoas que faziam suas esmolas à dita Casa; nossos antecessores disseram ao padre procurador desta Casa que se nos quisessem vender o sítio referido que são duas partes do vão do coro, que uma delas temos nós há muitos anos, como consta da escritura, que lhas pagaríamos mas que ficariam tidas por nossas para todo tempo; mas que se também a Casa não podia vender que lhe queriam dar (fl. 5) uma esmola equivalente propter morem Dei em reconhecimento da graça e esmola que nos faziam do chão de sua igreja para sepultura de nossos irmãos e irmãs (...) E a razão é que depois do reverendo padre preposito, que Deus tem, nos proibiu a obra do carneiro, também nos proibiram que nas covas que possuímos há quarenta e tantos anos se não enterrasse defunto algum (...) (fl. 5v) (...) os reverendos padres alegaram por sua parte...*

*e em certo modo se pode dizer sem fundamento, era que não convinha que se fizesse carneiro porque seria a causa de haver ruins cheiros na igreja.*

Em resposta a esta polémica a Congregação, essencialmente constituída por artífices, muitos deles mestres pedreiros, recorre ao parecer de especialistas na construção de carneiros e sepulturas, muito provavelmente congregados, a fim de poder justificar o seu pedido de mais espaço destinado a sepulturas. Estas informações encontram-se compiladas numa carta, cuja cópia faz parte do citado códice. Este documento é do maior interesse para o estudo e conhecimento das vivências da morte em edifícios religiosos. A explicação dos Congregados é praticamente um tratado sobre a construção de carneiros, sepulturas e sobretudo sobre as práticas de enterramento: modo de colocar os mortos, tratamento dos cadáveres, problemas inerentes ao mau cheiro na igreja, ou questões mais específicas como a boa manutenção dos lajedos que se degradavam rapidamente com a abertura constante das sepulturas. Segundo o documento:

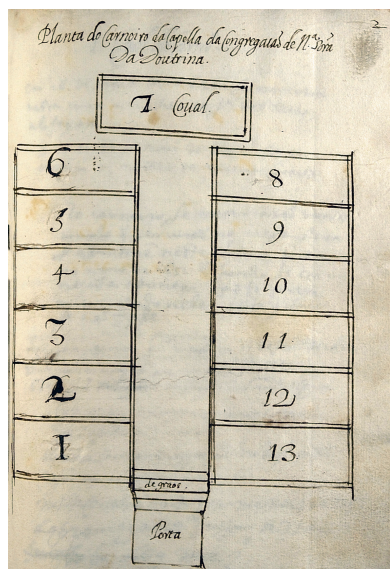
*(...) a esta proposta se respondeu que os carneiros se costumaram nas igrejas e nos templos por duas razões: a primeira, que como aos carneiros lhes seja necessário, ter bastante altura em razão do comprimento, e de largura de suas paredes e no terreno deles se hajam de abrir as covas da altura de cinco e seis palmos, e as abóbadas têm sempre ao menos de 20 palmos para cima de altura, que vem a ficar um corpo por todo 25 palmos no centro da terra, porque dado caso que a terra de altura de (fl. 6) 5 palmos em que os corpos se sepultam lançassem de si algum mau cheiro, em caso dado, não concedido bastava o vão do carneiro para consumir em si esse mau cheiro que de falso se supõe.*

*A segunda, que os carneiros se costumaram também para melhor limpeza dos templos e tratamento do lajeamento e que só se serve por uma ou duas partes.*

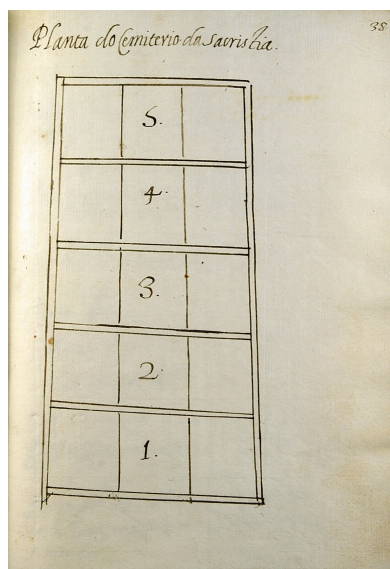
*Também dão outra razão que se não costuma nas partes de Roma e Itália nas igrejas da Companhia sepultar defuntos.*

11. Idem, *ibidem*, fls. 150v-152.





Planta do carneiro da Capela da Senhora da Doutrina,  
Arquivo Histórico / Biblioteca da SCML



Planta do cemitério da sacristia da Capela da Senhora da Doutrina,  
Arquivo Histórico / Biblioteca da SCML

*Responde-se que estamos em Portugal e não em Roma nem Itália principalmente na cidade de Lisboa, a donde em todas as igrejas das religiões há carneiros, jazigos e sepulturas e a Casa de São Roque as tem também desde seu principio e o Colégio de Santo Antão e a Casa do*

*Noviciado da Cotovia e no Seminário dos Irlandeses administrado pela Companhia.*

*E se é prejudicial fazer-se carneiro na igreja como se pode considerar que não seja mais prejudicial aos corredores e cubículos fazendo-se no claustro que fica na entrada da portaria. Ainda agora depois de nossa entrada os reverendos padres nos pediram que acertássemos o claustro. Respondemos que lhe agradecêssemos muito a graça que nos fazem, porém que o claustro é muito estreito de parede a parede e tem grandes comprimentos, e fazendo-se as paredes sobre que se hão de formar as abobadas não fica lugar para caber um corpo, nem atravessado nem ao comprido, e dado caso que tivera largura para poder ser, de nenhuma maneira se podia efectuar a tal obra, e a razão é muito clara, que o claustro de São Roque tem no meio uma cisterna e as paredes que sustentam os dormitórios que ficam por cima dos lanços deste claustro não têm de altura de alicerce quando muito uma vara de 5 palmos e as abobadas hão de ter de altura mais de 20. E como não sejam tão grossas que possam servir de fortificação as paredes (fl. 6v) arrisca-se quando a abóbada fizer seu assentamento, fazer também com elas abalo os alicerces das paredes dos dormitórios, com que poderia suceder alguma desgraça<sup>12</sup>.*

Em Outubro de 1664 o vigário geral da Companhia João Paulo Oliva escreve à Mesa da Congregação dizendo que tomará a resolução que julgar mais acertada, mas o *Livro do Tombo* não a regista. A decisão foi, contudo, a favor da Congregação uma vez que os irmãos congregados continuaram a ser sepultados nos locais que possuíam na Casa Professa de São Roque como provam os registos dos óbitos, averbados no *Livro das Sepulturas que os padres de São Roque com a aprovação do reverendo padre geral deram à Congregação de Nossa Senhora da Doutrina para enterro dos irmãos*<sup>13</sup> cujas datas vão de 1635 a 1693. Neste códice, curiosamente, encontram-se as plantas do carneiro da capela e do cemitério da sacristia que aqui se reproduzem.

12. IAN/TT, *Hospital de São José*, Livro 1283, fls. 4v-6v.

13. Arquivo da SCML, códice assim denominado.

Estas sepulturas mantiveram-se até à data da extinção da Congregação. Em 1774, quando se faz a relação de todos os bens, no título respeitante aos “covais” são enumeradas 51 sepulturas distribuídas pelos seguintes locais: *Trinta e quatro covas na dita igreja desde a capela de São Francisco Xavier por toda a frente da mesma até a porta da referida igreja; e dentro da capela um carneiro com 14 covas e mais 5 ditas no corredor da sacristia, e 4 defronte da porta da sacristia de São Francisco Xavier, e outras 4 na capela do claustro em que está o retábulo da Senhora do Pópulo que todas serviam para jazigo dos irmãos da Confraria extinta, e de suas mulheres (...)¹⁴.*

### N.º 3



Inscrição com passagem do Novo Testamento. Gravada na parede do lado esquerdo em duas páginas de um livro circundado por rosário sobrepujado por cruz¹⁵, sendo todos estes elementos em mármore embutidos integrados no revestimento parietal da capela. Dimensões: totais: 9x9; campo epigráfico: 7,1x6; Tipo de letra: caligráfica comum usada em códices.

Leitura: 1ª página: Admi-/ taban tur in; 2ª página: Doctri-/ na eius marc(os) / 6.

Tradução: Admiravam-se da Sua Doutrina Marcos, 6.

Altura das letras: corpo da letra: 0,4/0,5 (A e D= 1,7); hastes ascendentes: 0,7.

### N.º 4



Inscrição com passagem do Antigo Testamento. Gravada na parede do lado direito em duas páginas de um livro circundado por um rosário e sobrepujado por uma cruz, sendo todos estes elementos em mármore embutidos integrados no revestimento parietal da capela. Dimensões: totais: 9x9; campo epigráfico: 7,3x3. Tipo de letra: caligráfica comum usada em códices.

Leitura: 1ª página: Doctri-/ na / Sua; 2ª página: nos-/ citur / uir / prou(erbius) / .12.

Tradução: O Homem (prudente) conhece a sua Doutrina. Provérbios 12

Altura das letras: corpo da letra: 0,5 (D e S= 0,8); hastes ascendentes e descendentes: 0,7.

Estas inscrições copiam passagens do Antigo e Novo Testamento que condensam o ideário dos Irmãos da Doutrina.

## Capela de São Francisco Xavier

### N.º 5

Inscrição de dedicatória. Gravada numa lápide quadrangular, em campo epigráfico rebaixado enquadrado por moldura tripla decorada com óvulos, localizada no lado esquerdo da capela. A lápide insere-se numa porta fingida de mármore negro e constitui a almofada superior da mesma. As portas de madeira que fecham a capela são

14. IAN/TT, *Hospital de São José*, Livro 1281, fl.3.

15. Segundo Vítor Ribeiro estes três elementos constituíam a divisa da Congregação de Nossa Senhora da Doutrina, cf. Vítor, RIBEIRO, *A Santa Casa*

*da Misericórdia de Lisboa*, ed. fac-similada, Academia das Ciências, Lisboa, 1998, pag. 223.



formal e decorativamente idênticas à porta fingida. Calcário e mármore cinzento. Sulcos das letras preenchidos com betume negro. Dimensões: totais: 70x66,3; campo epigráfico: 55,5x51; moldura: 7. Tipo de letra: capital quadrada.



Leitura: D(EXTRA)(?) / FRANCISCO XAVERIO / ORIENTIS APOSTOLO / PRÆCLAR<sup>MO</sup> / · / ANTONIVS GOMES / D'ELVAS / D(EDICAVIT)

Tradução: Esquerda(?): A São Francisco Xavier, ilustríssimo Apóstolo do Oriente. António Gomes d'Elvas dedicou (esta capela).

Altura das letras: 1.1: 7; 1.2: 2,7 (F=4,1; X=3,8), 1.3: 2,7 (O e A=3,7); 1.4: 2,7 (MO= 2); 1.5: 2,7 (A e G= 3,8); 1.6: 2,7 (D=3,7); 1.7:7. Espaços interlineares: 1 a 2:3,7; 3 a 4: 1,5; 5:9; 6:1,8; 7 a 8: 3,5.

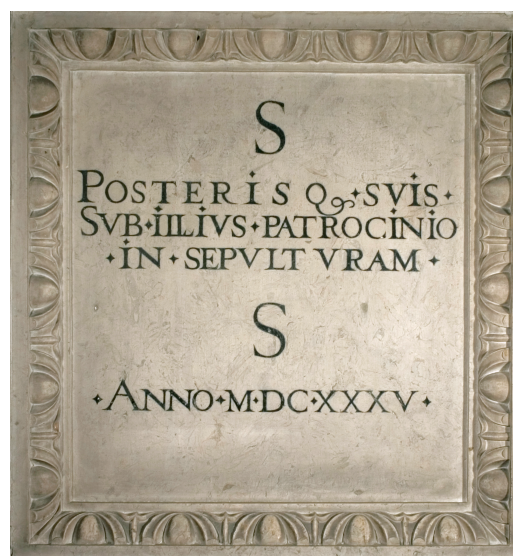
Bibliografia: Moreira, 1864, 2 vol., fl. 324; Ribeiro, 1902, p. 219; Sousa, 1940, p. 165, n.º 415 (leitura de Vítor Ribeiro).

Variantes de leitura: Moreira: leu “ANTONIO” por “ANTONIVS”.

#### N.º 6

Inscrição de dedicatória. Gravada numa lápide quadrangular, em campo epigráfico rebaixado, enquadrado por moldura tripla decorada com óvulos, localizada no lado direito da capela. A lápide insere-se numa porta fingida de mármore negro e constitui a almofada superior da

mesma. As portas de madeira que fecham a capela são formal e decorativamente idênticas à porta fingida. Calcário e mármore cinzento. Sulcos das letras preenchidos com betume negro. Dimensões: totais: 70x65,5; campo epigráfico: 55,5x51,5; moldura: 7,5. Tipo de letra: capital quadrada.



Leitura: S(ÍNISTRA)(?) / POSTERIS Q(VE) · SVIS · / SVB · ILLIVS · PATROCINIO / · IN · SEPVLTVRAM · / S(VB) / · ANNO · M·DC·XXXV·

Tradução: Direita (?): E ao seu patrocínio se confiam os descendentes nesta sepultura. Ano de 1635.

Altura das letras: 1.1: 7; 1.2: 2,8 (P=4,2); 1.3: 2,7 (S=3,9); 1.4: 2,7; 1.5: 7; 1.6: 2,7 (A = 4).

Espaços interlineares: 1:3,5; 2:3,6; 3:1,9; 4: 1,9; 5 a 6:4,1; 7: 11,5.

Bibliografia: Moreira, 1864, 2 vol., fl. 324; Ribeiro, 1902, p. 220; Sousa, 1940, p. 165, n.º 416 (leitura de Vítor Ribeiro).

Variantes de leitura: Moreira: leu “SEPULTUM” por “SEPVLTVRAM”.

Tal como na capela da Doutrina também estas duas inscrições foram concebidas e delineadas em simultâneo, semelhantes na composição e nas medidas, para desempenhar neste espaço uma dupla função: informativa e decorativa. Contudo, encontram-se pequenas diferenças entre elas que parecem indicar não terem sido elaboradas pelo mesmo *ordinator*. Na primeira inscrição não se utilizaram pontos de separação entre as palavras, já na segunda inscrição usaram-



-se sempre, excepto uma vez; a *ordinatio* da primeira epígrafe é perfeita, a da segunda não tanto pois o espaço entre as letras da palavra “SEPVLTVRAM”, gravada na terceira linha, é maior a partir do primeiro “V” este artifício foi necessário para que a palavra se distribuisse melhor no espaço a que estava destinada. Aspecto curioso, é o facto de se assinalar por meio de uma sigla o lado da capela onde estão colocadas as lápides, pois o “S” de “sub” também abrevia “sinistra” e o “D” de “dedicavit” também pode significar “dextra”.

#### N.º 7



Inscrição de posse de capela. Gravada numa laje circular localizada no centro do pavimento, decorado por elementos geométricos de calcário branco e mármore negro, emoldurada por um filete simples. Erosões no topo superior. Os sulcos das letras e o filete da moldura estiveram preenchidos por betume negro de que restam vestígios apenas no segundo “P” da palavra “CAPELA”. Dimensões: totais: 69x70; campo epigráfico: 59x62,5; moldura: 4. Tipo de letra: capital quadrada.

Leitura: ESTA / CAPPELLA HE / DE LVIS RO(DR)Í(GVE)Z / ·D’ ELVAS ·

Altura das letras: 1.1: 5,2/5,3 (E=6,4); 1.2 e 3: 5/5,2 (C=6,4; R=5,9); 1.4: 5/5,2. Espaços interlineares: 1: 14,5; 2 a 4:2,8; 5: 15,5.

Bibliografia: Moreira, 1864, 2 vol., fl. 324; Ribeiro, 1902, p. 220; Sousa, 1940, p.166, n.º 418 (leitura de Moreira).

Do texto, bem distribuído no campo epigráfico, destacam-se as duas primeiras palavras porque as letras iniciais de cada uma delas tem módulo maior do que as restantes. Dentro da letra capital quadrada são características as letras “E”, com o traço inferior prolongado para a direita, e “R” executada a partir do “P” e com perna recurvada. Os pontos de separação das palavras são em forma de seta.

Muito provavelmente esta inscrição esteve durante algum tempo tapada por um estrado de madeira que cobria o pavimento da capela. Em 1864 a epígrafe é registada na *Collecção de Epithaphios e Lettreiros* elaborada por António Joaquim Moreira, que refere que a mesma se situa *em uma campa na frente do altar*. Em 1902, Vítor Ribeiro cita a inscrição, indicando que a leitura é de Moreira, o que leva a crer que nesta altura a inscrição já não estava à vista. Em 1940, Cordeiro de Sousa inclui a epígrafe no *corpus* das *Inscrições Portuguesas de Lisboa* mas também com a indicação de que a leitura é a de Moreira.

Esta capela, instituída por António Gomes de Elvas e da invocação de São Francisco Xavier, encontrava-se, em Fevereiro de 1634, em plena construção. A informação encontra-se no códice já citado segundo o qual a capela da Doutrina ficava anexa (...) *à capela que de presente para si faz António Gomes de Elvas, da Invocação de São Francisco Xavier*<sup>16</sup>. Em Abril de 1635, a abóbada ainda não estava fechada<sup>17</sup> o que leva a crer que as obras da capela não estavam concluídas. Esta notícia e a informação contida na inscrição nº 6 levantam a hipótese de António Gomes de Elvas ter falecido sem terminar a sua capela. Em 1651, a capela é comprada por Luís Rodrigues de Elvas seu familiar, provavelmente seu irmão. Duas lápides que existiam na sacristia da capela, e que entretanto desapareceram, continham várias informações relativas à compra e posse da capela, bem como nomeavam os fa-

16. IAN/TT, *Hospital de São José*, Livro 1283, fl. 135.

17. Idem, *ibidem*, fl. 125.

miliares de Luís Rodrigues de Elvas aí sepultados. Em 1902, estas inscrições foram vistas por Vítor Ribeiro que as publica na obra *A Santa Casa*, indicando que se localizavam na casa da oficina do carimbo que correspondia ao local onde se situara a sacristia da capela. Em 1940 as inscrições são incluídas no *corpus* de Cordeiro de Sousa, com a indicação da leitura ser de Vítor Ribeiro sem especificação da sua localização. Não se sabe em que data desapareceram. Procuraram-se no edifício sede da SCML no espaço actualmente correspondente sem êxito.

O autor da *Historia dos Mosteiros* faz uma breve mas fiel descrição desta capela referindo que António Gomes de Elvas (...) *pela muita devoção que tinha ao santo mandou lavrar de mármore e assim na abóbada como nos lados, em cada um deles, pôr seu painel com umas formosas molduras também de mármore*.<sup>18</sup>

#### N.º 8

Desaparecida.

Inscrição informativa de posse e instituição de capela. Gravada numa lápide colocada numa das paredes da sacristia da capela de São Francisco Xavier. Tipo de letra: capital quadrada.

Bibliografia: Ribeiro, 1902, p. 221; Sousa, 1940, pp. 167-168, n.º 422 (leitura de Vítor Ribeiro).

A CAPELLA • DE SAM FRANCISCO XAVIER • E ESTA  
SAMCRISTIA SAM DE LVIS RODRIGES DE ELVAS QVE  
COMPROV, COMO CONSTA DA ECRETVRA DE VENDA,  
FEITA EM 19 • DIAS 10 MES DE JANEIRO 10 A'NNO 1651  
NAS NOTAS 10 TABALIAM, DOMINGOS DE BAIRROS •  
JASEM NELLA SEPVLTAOS, OS OSSOS DE SEVS PAI, E  
MAI, JOAM RODRIGES DE ELVAS, E ISABEL GOMES,  
SEVS IRMÃOS BELCHIOR GOMES DE ELVAS, ANTO  
NIO GOMES DE ELVAS, FRANCISCO RODRIGES DE  
ELVAS, E SVAS MOLHERES, E SEV SOBRINHO JOAM  
RODRIGES DE ELVAS • TEM 10IS CAPELLÃES, QVE  
NELLA DISEM MISSA QVOTIDIANA POR ESMOLA DE  
30000 RÊS CADA HVM • HVA PELLAS ALMAS 10S DITOS  
SEV PAI, E MAI, E OVTRA PELLA DE SEV IRMÃO FR.º ROIZ.

In Vítor RIBEIRO, *A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, ed. fac-similada,  
Academia das Ciências, Lisboa, 1998, Pag. 221

#### N.º 9

Desaparecida

Inscrição informativa da instituição de missas e gestão de capela. Gravada numa lápide colocada numa das paredes da sacristia da capela de São Francisco Xavier. Tipo de letra: capital quadrada.

Bibliografia: Ribeiro, 1902, p. 221; Sousa, 1940, p. 168, n.º 423 (leitura de Vítor Ribeiro).

DEIXOV LVIS ROIZ DE ELVAS 2 MISSAS CO  
TIDIANAS POR SVA ALMA COM 40\$ R\$  
DE ESMOLLA POR CADA HVA E ORBN OV  
Q AS DVAS Q DE ANTES SE DEZIÃO SE LHES  
PREFIZESEM 40\$ RS A CADA CAPELLÃO  
E P.ª FABRICA E GVIZAM.º DE TODAS AS 4  
MISSAS 44\$ RS • FALECEO EM 26 DE ABRIL  
DE 1673 E ESTA NELLA SEPVLTAIO E Q FO  
SE IAZIGO DOS SVCCESORES 10 SEV MOR  
GAM DE SVAS MOLHERES E FILHOS E LHE  
PERTENCE PER ECREPTVRA FEITA  
EM 10 • DE JAN.º DE 1674 E ESTA NAS NO  
TAS DO TABALIAO D.ºS DE BAIRROS -

In Vítor RIBEIRO, *A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, ed. fac-similada,  
Academia das Ciências, Lisboa, 1998, Pag. 221

#### Defronte da capela do Santíssimo Sacramento

#### N.º 10

Inscrição informativa da localização da primitiva sepultura de Francisco Tregian. Gravada numa laje, inserida no pavimento da igreja, no lado da Epístola, defronte da capela do Santíssimo Sacramento. Superfície epigráfica bastante erodida, especialmente no flanco esquerdo, pelo pisar dos transeuntes, mas ainda reconstituível. Calcário. Dimensões: 65x64,5. Tipo de Letra: capital quadrada.

Leitura: [AQV]I SE AÇOV / [I]NT[E]IRO O COR -/  
[P]O DE D(OM) FRAN(CIS):º / [T]REGIAN QVE ES -/  
[TA] DEBAIXO DO PVL- / PITO

Altura das letras: 5/5,3 (D=6; C e O =3,3)

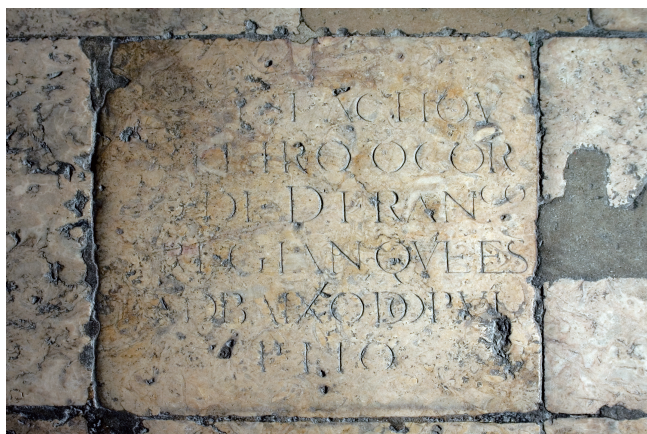
Espaços interlineraes: 1: 10; 2 a 6:3; 7:7,5.

18. Cf. Durval Pires de LIMA, *História dos Mosteiros Conventos e Casas Religiosas de Lisboa*, Tomo I, CML, 1950, pag. 263.

Bibliografia: *História dos Mosteiros...*, p. 272-273; Ribeiro, 1910, p. 468.

Obituários: p. 55, n.º 257.

Biografia: *História dos Mosteiros...*, p. 272; Ribeiro, 1910, p. 468.



Texto bem distribuído no campo epigráfico, com recurso a um nexa e um entrelaçado com o duplo objectivo de poupar espaço e conferir harmonia ao texto. Aumento propositado do módulo do “D” da palavra “Dom” para destacar esta palavra das demais. Estes aspectos comprovam que a inscrição foi submetida a uma *ordinatio*.

Francisco Tregian faleceu a 25 de Setembro de 1608 e foi sepultado na cova 4 da 1.ª ordem da igreja. A localização da sua sepultura teria ficado apenas registada no livro dos obituários de São Roque, como a de tantas outras pessoas enterradas nesta igreja, não fosse o caso extraordinário de passados dezassete anos sobre a sua morte o seu corpo ter sido encontrado incorrupto. De facto, em 1624, como informa a adenda feita ao seu registo de óbito (...) *abrindo-se esta cova para se enterrar outro defunto o acharam inteiro e o puseram num caixão em pé debaixo do púlpito, e não se enterrou nela o defunto, por reverencia deste servo de Deus, não se deve enterrar nenhum sem ordem expressa do superior*. Assim, trasladou-se o corpo de Francisco Tregian deste local para um outro situado debaixo do púlpito, do lado do Evangelho, onde se encontra actualmente (ver inscrição n.º 42), e para o assinalar se mandou gravar a epígrafe.

Esta inscrição, situada num local de passagem, esteve durante anos, ocultada e protegida por um estrado de madeira que cobria o pavimento da capela do Santíssimo, como refere Vítor Ribeiro que só em 1910 a vê e regista pela primeira vez. Retirado em data desconhecida a inscrição passou a ser pisada por milhares de pessoas encontrando-se actualmente em estado avançado de degradação. É urgente protegê-la para não desaparecer para sempre.

### Capela do Santíssimo Sacramento

#### N.º 11

Inédita

Inscrição funerária. Gravada numa tampa de sepultura, localizada no centro da capela, enquadrada pela decoração geométrica do pavimento em calcário vermelho e mármore negro, e cujo topo superior foi tapado pelo degrau que acede ao altar. Do texto original, vêem-se hoje apenas duas linhas já que as restantes se encontram completamente gastas. Calcário. Dimensões (não são as originais pois foi cortada nos lados) totais: 227,5x121,5/122; campo epigráfico: 202x78,5; moldura: lado esquerdo: 5,5; lado direito: 7. Tipo de Letra: capital quadrada.

Leitura: S(EPVLTVR)<sup>A</sup> D[E] [D]QNA LVI - / ZΛ F[ROES](?) [...]

Altura das letras: 5,2 (L=7; S=11).

Espaços interlineraes: 1:17,5; 2 a 3:4,5; 4:?

O estado de conservação em que se encontra a epígrafe não permite fazer qualquer comentário epigráfico e paleográfico.

Conta o já citado autor da *História dos Mosteiros* que nesta capela se reuniam uns mancebos oficiais mecânicos com o padre Inácio Martins para lhes ensinar a doutrina cristã. E que impelidos por estes ensinamentos e desejosos de os pôr em prática pretenderam os Irmãos da Doutrina, nome pelo qual se passaram a auto-intitular, possuir capela própria por aquela *ter padroeira particular, como diz o leltreiro da campa que está no meio dela*<sup>19</sup>. Apesar de

19. Cf. *idem*, pag. 253.



bastante delida, pelo pisar constante dos transeuntes que frequentam e visitam a capela, conseguiu-se reconstituir a primeira linha da epígrafe e ler com alguma certeza o nome da padroeira: Dona Luísa Froes, benfeitora do Colégio de Santo Antão<sup>20</sup>.

#### N.º 12



Inscrição informativa de concessão de indulgências. Gravada em cartela elíptica, a primeira do lado esquerdo de quem entra, em campo epigráfico rebaixado e emoldurado, colocada sobre a moldura das portas e dos painéis dos embutidos; foi colocada posteriormente quebrando a parte central do friso da arquitrave. O texto continua para a inscrição n.º 13. Mármore. Dimensões: totais: 34,5x35; campo epigráfico: 12,3x17; moldura: 3. Tipo de letra: caligráfica usada em códices e em livros impressos.

Leitura: O Papa Clemente X. / Concedeo Indulgencia plenaria / a todos os Irmãos desta Congregação, / Q(ue) confessados e Comungados nesta / Igreja nos prim(ei)<sup>ros</sup> Domingos do mes, / nella orarem p(e)<sup>la</sup> concordia dos / Principes Christãos.

Altura das letras: minúsculas: corpo: 0,5; hastes ascendentes: 1; hastes descendentes: 1/1,5; maiúsculas: 1,5/2. Espaços interlineares: 1: 1,7; 2 a 7: 0,7; 8: 1.

Bibliografia: Ribeiro, 1902, p.216; Sousa, 1940, p. 169, n.º 425 (leitura de Vítor Ribeiro); Ferreira e Coutinho, 1999, p. 281.

#### N.º 13



Inscrição informativa de concessão de indulgências. Gravada em cartela elíptica, a segunda do lado esquerdo de quem entra, em campo epigráfico rebaixado e emoldurado, colocada sobre a moldura das portas e dos painéis dos embutidos; foi colocada posteriormente quebrando a parte central do friso da arquitrave. O texto continua para a inscrição n.º 14. Mármore. Dimensões: totais: 37x36; campo epigráfico: 12,5x17; moldura: 3. Tipo de letra: caligráfica usada em códices e em livros impressos.

Leitura: A ditta Indulgencia / se pode applicar p(e)<sup>las</sup> almas dos Defun<sup>tos</sup>. / O mesmo Pontifece concedeo, aos q(ue) c(om) / devoção assistirem ao dezencerrar do / S(antissi)<sup>mo</sup> Sacram(en)<sup>to</sup>, Q(ue) nesta Igreja se dezen- / cerra na tarde dos Domin- / gos do anno, e

Altura das letras: minúsculas: corpo: 0,5; hastes ascendentes: 0,8/1,2; hastes descendentes: 1,2; maiúsculas: 1/1,2 (A e I=1,5). Espaços interlineares: 1: 1/1,5; 2 e 3: 0,8/1; 4: 0,8; 5: 0,8/0,9; 6 e 7: 0,8; 8: 0,3/0,5.

20. Cf. RIBEIRO, *op. cit.*, pag. 215; Maria Filomena BRITO, *Roteiro Igreja de São Roque*, SCML, Lisboa, 1999, pag. 32.; Sílvia FERREIRA e Maria João COUTINHO, " Com Toda a perfeição na forma que pede a arte: A Capela do

Santíssimo Sacramento da Igreja de São Roque em Lisboa: a obra e os artistas", in rev. *Artis*, n.º 3-Dezembro de 2004, Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, pag. 272.

Bibliografia: Ribeiro, 1902, p.217; Sousa, 1940, p. 169, n.º 426 (leitura de Vítor Ribeiro); Ferreira e Coutinho, 1999, p. 281.

#### N.º 14



Inscrição informativa de concessão de indulgência e de realização de uma obra de pedraria. Gravada em cartela elíptica, em campo epigráfico rebaixado e emoldurado, a segunda do lado direito de quem entra, colocada sobre a moldura das portas e dos painéis dos embutidos; foi colocada posteriormente quebrando a parte central do friso da arquitrave. O texto continua para a inscrição n.º 15. Mármore. Dimensões: totais: 34x35; campo epigráfico: 12,2x16,7; moldura: 3; sinal de separação de texto: 9,7x2,7. Tipo de letra: caligráfica usada em códices e em livros impressos.

Leitura: E aQui orarem {como / fica ditto}, selte(*sic*) annos, / e outras tan- / tas Quarentenas de Indulgen- / cia. (sinal de separação de texto idêntico ao usado nos livros manuscritos) Esta obra de pedraria se as(s)en- / tou no anno de 1719

Altura das letras: minúsculas: corpo: 0,5/0,7; hastes ascendentes: 1/1,2; hastes descendentes: 1/1,2 (f=1,5); maiúsculas: 1,2 (E=1,5).

Espaços interlineares: 1: 1/1,7; 2: 0,7/1; 3: 0,7; 4: 3; 5: 0,7; 6: 0,5/ 1,2.

Bibliografia: Ribeiro, 1902, p. 217; Sousa, 1940, p. 170, n.º 427 (leitura de Vítor Ribeiro); Ferreira e Coutinho, 1999, p. 281.

#### N.º 15



Inscrição determinativa da função de um altar numa capela. Gravada em cartela elíptica, em campo epigráfico rebaixado e emoldurado, a primeira do lado direito de quem entra na capela, colocada sobre a moldura das portas e dos painéis dos embutidos; foi colocada posteriormente quebrando a parte central do friso da arquitrave. Mármore. Dimensões: totais: 36,5x36; campo epigráfico: 12,5x17,2; moldura: 2,5/3. Tipo de letra: caligráfica usada em códices e em livros impressos.

Leitura: Altar Privilegiado / terças, 4<sup>as</sup> e 6<sup>as</sup> f(ei)r<sup>as</sup>, e no oitavario / da Comemoração dos Fieis p(ar)<sup>a</sup> todos / os Defuntos . / Nas 2<sup>as</sup> f(ei)r<sup>as</sup> de todo o anno p(ar)<sup>a</sup> os Irmão<sup>os</sup>(*sic*) / desta Congregação; por bul(a) do S(anto) P(adr)<sup>e</sup> / Innocencio XI

Altura das letras: minúsculas: corpo 0,5/1; hastes ascendentes: 0,6/1,5 (linha 4=0,5); hastes descendentes: 1,5/1,2; sobrescritas: 0,3/0,5; maiúsculas: 1/1,2 (A e P=2). Espaços interlineares: 1: 1,5/ 2; 2: 1; 3 a 4: 0,7; 5: 0,5/0,6; 6: 0,6/0,8; 7: 0,6; 8: 0,5/0,7.

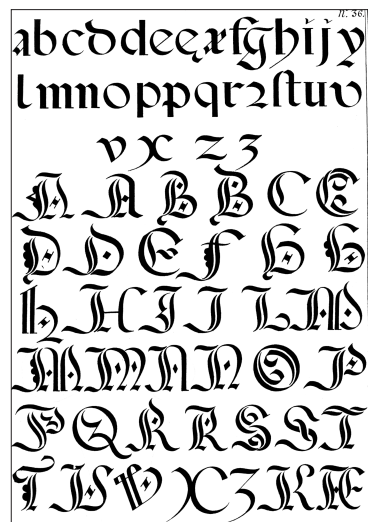
Bibliografia: Ribeiro, 1902, p. 218; Sousa, 1940, p. 170,



n.º 428 (leitura de Vítor Ribeiro); Ferreira e Coutinho, 1999, p. 281.

De notar que no nome “inocentio” o segundo “i” era um “t” ao qual se acrescentou um ponto sobrescrito para o transformar num “i”.

A letra escolhida para gravar o conjunto destas quatro inscrições não foi a capital quadrada, como é costume na Epigrafia



Alfabeto, in Manuel de Andrade Figueiredo, *Nova escola para aprender a ler, escrever e contar*, Lisboa, Livraria São Carlos, 1793, pag. 55

portuguesa, mas uma letra caligráfica mais própria de um outro tipo de suporte: o papel. Esta letra é ensinada, em 1719 (data gravada na inscrição n.º 14), no manual de Manuel de Figueiredo intitulado *Nova Escola para aprender a ler, escrever, e contar*, para ser usada nos livros por se assemelhar à letra antiga romana (...) *por ser feita (...) a muitos golpes, e ter o mesmo movimento da pena, ficando toda a prumo*<sup>21</sup>. A preferência por esta letra indica-nos que o autor do texto destas inscrições era pessoa culta e familiarizada com os alfabetos em voga usados nos livros manuscritos e no manual de aprender a ler e escrever, e ainda com o processo

de produção de livros, como provam a utilização do reclamo gravado no início da inscrição n.º 14, (letra maiúscula que repete a última minúscula da “página” precedente) que facilita a ordenação do texto epigráfico, e o sinal de separação do texto.

Estas inscrições informam sobre as indulgências concedidas pelo papa Clemente X à Congregação de Nossa Senhora da Conceição dos Agonizantes<sup>22</sup>, os privilégios concedidos ao altar da capela pela bula do Papa Inocêncio XI, e a data de uma das campanhas de obras realizada em 1719.



## N.º 16

### Inédita

Inscrição funerária. Gravada numa tampa de sepultura inserida no que resta de um pavimento de tijoleira situado na parte de trás do altar da capela, num campo epigráfico enquadrado por moldura simples filetada. Vestígio de betume negro em alguns sulcos das letras. Calcário. Dimensões: totais: 133x55; campo epigráfico: 123x45; moldura: 4,5. Tipo de letra: capital actuária.

21. Manuel de Andrade FIGUEIREDO, *Nova Escola para aprender a ler, escrever e contar*, Lisboa, Livraria São Carlos, 1793, pag. 55.

22. Para a história da instituição da Congregação dos Agonizantes nesta capela veja-se Sílvia FERREIRA e Maria João COUTINHO, *op. cit.*, pp. 272-273.



Leitura: AQUÍ JAS / FR(ANCIS)<sup>CO</sup> NUNES / CARD(E)<sup>DAL</sup>  
(sic) DO / CON<sup>C</sup>(ELH)<sup>O</sup> DE S(U)<sup>A</sup> / MAG(ESTAD)<sup>E</sup>  
DEZ(EMBARGAD)<sup>OR</sup> / DO P(AC)<sup>O</sup> E REG(ED)<sup>OR</sup> / DAS  
JUS<sup>T</sup>(IC)<sup>AS</sup> FA- / LE<sup>C</sup>(E)<sup>O</sup> DE J(DA)<sup>DE</sup> DE 74 / AN(O)<sup>S</sup> A 6  
DE / NOV(EMB)<sup>RO</sup> DE / 1748

Altura das letras: 6,2/6,3 (A=7; J=9,2; Q=6,5;); letras sobrecritas: 3/3,3; números árabes: 5,5.

Espaços interlineares: 1: 7,5/8;2: 4,2; 3 a 4: 4,1; 5: 3,9/4,1; 6: 4,1; 7: 4,1/4,2; 8: 4,1; 9 a 10: 4,1/4,2; 11: 0,5; 12: 75.

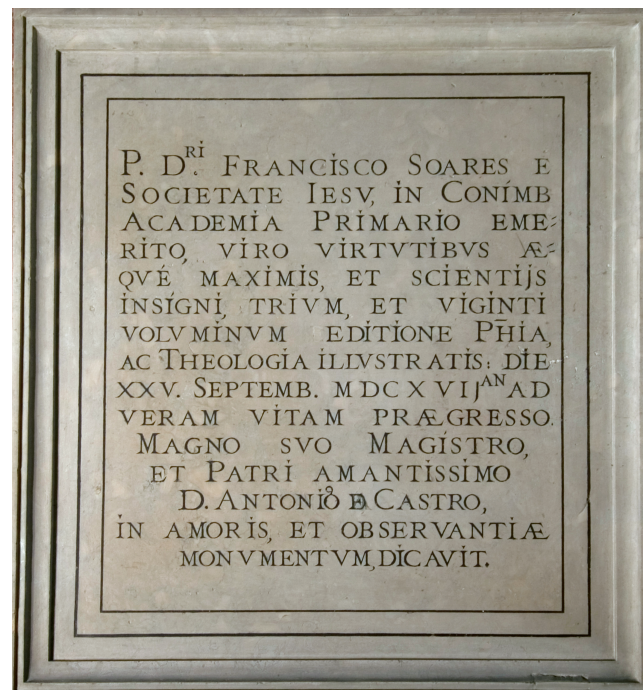
Esta epígrafe é o único exemplar, dentro do núcleo epigráfico de São Roque, que utiliza a letra capital actuária. Parece ter sido sujeita a uma *ordinatio*, como indicam a regularidade das medidas das letras, ainda que algumas possuam o módulo aumentado para destacar certas palavras das restantes, e dos espaços interlineares. Contudo, o lapicida que a gravou não devia ser letrado já que comete um erro na abreviatura da palavra “cardeal” ao gravar um outro “D” em expoente. Registe-se ainda o facto de se preferirem “U” e “J” em vez de “V” e “I”, como é habitual; e da letra “Q” ter uma figura pouco usual. A pontuação é irregular e em forma de triângulo.

Francisco Nunes Cardeal era irmão congregado de Nossa Senhora dos Agonizantes e por essa razão se mandou sepultar nesta capela. Fez, juntamente com sua mulher, D. Catarina Teresa de Sousa Mexia, um testamento no qual deixou 100\$000 reis para se rezar uma missa quotidiana pela sua alma e de sua mulher. Daquela quantia 80\$000 eram para ordenado da mesma. No *Livro de despesas e receitas dos bens de Francisco Nunes Cardeal*<sup>23</sup>, a fls. 51 a 54v, confirma-se que o padre Teodoro Guedes de Oliveira, de 1757 até 4 de Fevereiro de 1773, disse as (...) *missas da capela que instituíram o desembargador Francisco Nunes Cardeal e D. Catarina Teresa de Sousa Mexia (...) na forma da sua instituição (...) e que recebeu (...) a esmola delas que são oitenta mil reis.*

### Altar da Anunciação

(antiga capela de Nossa Senhora do Desterro  
e de Santo António também conhecida por nicho  
de Santo António)

#### N.º 17



Inscrição laudatória. Gravada numa lápide em campo epigráfico rebaixado, delimitado por duplo filete rectangular, e enquadrada por uma moldura rectangular côncava, colocada na parede do lado esquerdo do altar. Sulcos das letras e filete da moldura preenchidos com betume negro. Dimensões: totais: 127x112x1,5; campo epigráfico: 96x80,5; moldura dupla: 7,5; moldura dupla com filete simples: 8,5. Calcário. Tipo de letra: capital quadrada.

Leitura: P(ATER) D(OCTO)<sup>RI</sup> FRANCISCO SOARES E  
/ SOCIETATE IESV, IN CONÍMB(RICAE) / ACADEMIA  
PRIMARIO EME-/RITO, VIRO VIRTUTIBVS Æ-/QVÉ  
MAXIMIS, ET SCIENTIJS / INSIGNI, TRIVM, ET VIGINTI  
/ VOLVMINVM [[E]] EDITIÖNE PH(ÍLOSOPH)IA, / AC  
THEOLOGIA ILLVSTRATIS: DIE XXV. SEPT(EM)B(RI)  
MDCXVIJ<sup>AN(NI)</sup> AD/ VERAM VITAM PRÆGRESSO. /

23. IAN/TT, *Hospital de São José*, Livro 1243.

MAGNO SVO MAGISTRO, / ET PATRI AMANTÍSSIMO  
/ D(OMINVS) ANTONI<sup>US</sup> DE CASTRO, / IN AMORIS, ET  
OBSERVANTIÆ / MONVMENTVM, DÍCAVIT.

Tradução: Ao Padre Doutor Francisco Soares, da Companhia de Jesus, Professor Emérito da Universidade de Coimbra, homem igualmente insigne nas maiores virtudes e nas ciências, autor ilustre de vinte e três volumes de Filosofia e Teologia, que passou à verdadeira Vida no dia 25 de Setembro do ano de 1617, dedicou o Senhor Dom António de Castro este monumento em sinal de estima e consideração ao seu grande Mestre e Padre afectuosíssimo.

Altura das letras: maioria: 3 (P=4,7); módulo maior: 3,7/4; sobrescritas: 2/2,2. Espaços interlineares: 1:10,5/11; 2: 2,2; 3:2,3; 4 a 15: 2,2; 16:8.

Bibliografia: Mena Júnior, 1894, p. 7; Ribeiro, 1902, p. 242; Sousa, 1940, p. 161, n.º 407.

Obituários: p. 34, n.º 152.

Biografia: Ribeiro, 1902, pp. 239 - 241.

Variantes de leitura: Mena Júnior substituiu “U” por “V” em: VIRTUTIBUS; TRIUM; VOLUMINUM; ILLUSTRATIS; SUO; MONUMENTUM; Sousa: omite acento agudo nas palavras: “CONIMBRICAE”, “AEQVE”, “INSIGNI”, “VIGINTI”, “MAGISTRO”; esquece alguns sinais de pontuação, as pintas dos “i” e traço sobreposto, indicativo de abreviatura, em PHIA.

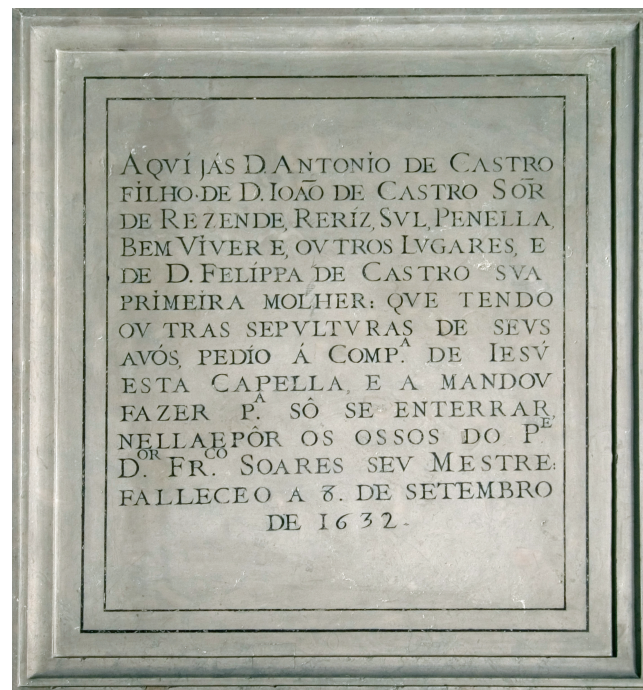
## N.º 18

Inscrição funerária e comemorativa de construção de capela para sepultura. Gravada numa lápide em campo epigráfico rebaixado, delimitado por duplo filete rectangular, e enquadrada por uma moldura rectangular côncava, colocada na parede do lado direito do altar. Sulcos das letras e filete da moldura preenchidos com betume negro. Dimensões: totais: 127x112x1,5; campo epigráfico: 96x80,5; moldura: 7,5; moldura filetada: 8,5. Calcário. Tipo de letra: capital quadrada.

Leitura: AQVÍ JÁS D(OM) ANTONIO DE CASTRO  
/ FILHO · DE D(OM) IOÃO DE CASTRO S(ENH)OR /  
DE REZENDE, RERÍZ, SVL, PENELLA, / BEM VÍVER  
E, OVTROS LVGARES, E / DE D(ONA) FELÍPPA DE  
CASTRO SVA / PRÍMEIRA MOLHER : QVE TENDO /

OVTRAS SEPVLTVRAS DE SEVS / AVÓS, PEDÍO Á  
COMP(ANHI)<sup>A</sup> DE IESV / ESTA CAPELLA, E A MAN-  
DOV / FAZER P(ER)<sup>A</sup> SÔ SE ENTERRAR, / NELLA E  
PÔR OS OSSOS DO P(ADR)<sup>E</sup> / D(OVT)<sup>OR</sup> FR(ANCIS)<sup>CO</sup>  
SOARES SEV MESTRE: / FALLECEO A 8. DE SETEM-  
BRO / DE 1632.

Altura das letras: 2,7 (A=4,4;). Espaços interlineares: 1:10,5;  
2 a 9: 2,2; 10 a 11: 2,3; 12: 1,5; 13 a 14: 2,3; 15: 14,5.



Bibliografia: Mena Júnior, 1894, p. 7; Ribeiro, 1902, p. 242; Sousa, 1940, pp. 163-164, n.º 412.

Obituários: pp. 46-47, n.º 213.

Biografia: Ribeiro, 1902, pp. 239-240.

Variantes de leitura: Mena Júnior: leu “VIVERE” por “VIVER” “E”; e “SO” por “SÔ”; Ribeiro: leu “SÓ” por “SÔ”; Sousa: omite os acentos agudos nas palavras: “AQVI”, “JÁS”, “FELIPPA”, “AVÓS” e “PEDIO”; omite pontos em siglas e em abreviaturas; leu: “MESTR” por “MESTRE”.

Como noutras capelas estas duas inscrições foram elaboradas em conjunto tendo uma composição e medidas idênticas.

Ambas foram submetidas a uma *ordinatio*, como evidenciam a regularidade das medidas das letras e dos espaços interlineares. No entanto, esta paginação apresenta defici-



ências uma vez que os textos não foram distribuídos de forma uniforme no campo epigráfico, variando o espaço entre as letras e as palavras, conferindo-lhes um certo desalinho. Na inscrição n.º 18, por exemplo, nas abreviaturas das palavras “Doutor” e “Francisco” as letras sobscritas foram gravadas muito acima do espaço interlinear acabando por tocar na extremidade das letras da linha superior.

Em 1894, como refere Mena Júnior<sup>24</sup>, estas duas lápides sepulcrais foram encontradas em mau estado de conservação, pois tinham sido esburacadas em consequência da instalação, no espaço desta capelinha, do fole de um órgão proveniente da igreja de São Pedro de Alcântara. As lápides foram então limpas e restauradas. Foi talvez neste restauro que se acrescentou o sinal de “US” por cima do nome “ANTONIO” para formar “ANTONIUS” (e não se confundir aquele com “ANTÃO”), se tapou com betume branco-amarelado o “E” que estava gravado antes de “EDICIONE” e o “A” gravado por baixo do nexa “DE”, na inscrição n.º 17; não se utilizou o mesmo processo para ocultar o “S” de menor módulo gravado sob outro na palavra “SVL”, na inscrição n.º 18.

O Padre Francisco Soares foi o quarto padre a ser sepultado na 13.ª cova do cruzeiro como refere o seu registo de óbito. Este documento regista que o religioso morreu (...) *de camaras* (=cãibras=diarreias), *de idade de 70 anos, uma segunda feira (...) vieram ao seu enterramento os religiosos de todos os mosteiros desta cidade (...) foi enterrado em um caixão com uma lamina de chumbo entre dois tijolos em que se contem o nome, idade, etc.* Em nota à margem lê-se: *Está trasladado a outra parte.* A transladação para a capelinha ou nicho de Santo António, como então se chamava, foi da iniciativa de D. António de Castro<sup>25</sup>

que no seu testamento mandou construir esta capela<sup>26</sup> para guardar a ossada do seu mestre e para sua sepultura. Também ele foi primeiramente sepultado no cruzeiro, na cova 21, dentro de um caixão, não tendo ficado registada a data da transladação<sup>27</sup>, efectuada decerto a mando de seu pai, D. João de Castro. Segundo o padre Baltazar Teles autor da *Chronica da Companhia de Jesus da Província de Portugal*, D. João de Castro ficou incumbido de arranjar e ornar a dita capelinha: (...) *foi arranjada e ornada por D. João de Castro para sepultar seu filho o padre D. António de Castro* (...) <sup>28</sup>.

### Altar das Relíquias

#### N.º 19

Inscrição de posse de capela para sepultura. Gravada num dos silhares da pilastra que sustenta o arco do transepto Leste, contígua ao altar das relíquias. O campo epigráfico é enquadrado por moldura dupla filetada. Sulcos das letras e moldura preenchidos com betume negro, algum já desaparecido. Uma infiltração na pedra está a corroer algumas palavras das 2.ª, 3.ª e 4.ª linhas. Dimensões: totais: 55,5x54; campo epigráfico: 48,5x47,3; moldura: 1,8.

Tipo de letra: capital quadrada.

Leitura: ESTA CAPELLA COM TODO SEV / SÍTIO  
ATE AS GRADES DA COMV-/ NHAM, HE DE IOAM  
PIMENTA DE SAM-/PAIO FIDALGO DA CASA DE  
S(VA) MAGES-/ TADE, E CAVALEIRO PROFESO DO  
HA-/ BÍTO DE CRISTO · E DE SVA MOLHER / DONA  
FLORINDA MERGVLHOA · NELLA / TEM FEITO HVM  
CARNEIRO PERA SVA / SEPVLTVRA, E DE SEVS  
DESCENDENTES, / E MAIS PESSOAS CO(N)FORME  
AO CO(N)TRATO / FEITO EM · 1·3· DE AGOSTO

24. Sobre a descoberta desta capela consulte-se a obra do referido autor, *Mémória justificativa e descriptiva das obras executadas na Egreja de S. Roque de Lisboa, Desde 12 de Outubro de 1893 até 18 de Junho de 1894*, Lisboa, Santa Casa da Misericórdia, 1894, pp. 3-6; e ainda Vítor RIBEIRO, *A Santa Casa da Misericórdia...*, pp. 200-203.

25. Veja-se o pedido desta transladação dirigida ao Padre Geral da Companhia de Jesus Murcio Vitelleschi, publicada por RIBEIRO, *op. cit.* pag. 240.

26. A história da instituição da capela é contada em *História dos Mosteiros...*, pag. 250, por JÚNIOR, pag. 4; RIBEIRO, pp. 239-241.

27. Cf. Victor RIBEIRO, *Obituários da Igreja e Casa Professa de São Roque da Companhia de Jesus desde 1555 até 1704*, Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa, 1916, pp. 46-47.

28. Cf. JÚNIOR, *op. cit.* pag. 4; e RIBEIRO, *op. cit.*, pag. 240.

DE 1636 · NA NOTA / DE GASPAR PEREIRA · NO DITO  
CARNEIRO / ESTAM IÁ OS OSSOS DE SEV PAÍ O DO-  
VTOR / BELCHIOR PIMENTA FIDALGO DA CASA / DE  
S(VA) MAGESTADE, CAVALEIRO PROFE- / SSO, DO  
HABITO DE CRISTO, CORRE-/GEDOR DO CRÍME  
DA CORTE, IVIS DOS EEI-/TOS(sic) DA COROA, E  
FAZE(N)DA DE S(VA) MAGESTADE,



Altura das letras: 0,8/2 (E=2,5).

Espaços interlineares: 1: 2; 2 a 9: 0,9; 10 a 11: 0,7/0,9; 12 a 18: 0,8/0,9; 19: 0,8.

Bibliografia: Ribeiro, 1902, p. 199; Sousa, 1940, pp. 165-166, n.º 417.

Obituário: pp. 41-42, n.º 190.

Biografia: História dos Mosteiros..., p. 249; Ribeiro, 1902, p. 198.

O texto, submetido a uma *ordinatio*, nem sempre foi bem distribuído no campo epigráfico. As letras variam no módulo, algumas são maiores, chamando a atenção para certas palavras que o autor do texto quis realçar; recurso a alguns nexos; pontuação muito irregular. Há a destacar a gravação de um traço sobreposto, indicativo de abreviatura, na palavra “comunhão” escusado e um “F” cuja figura se assemelha a um “E”, caso que não é raro nesta época, na palavra “FEITOS”, por o traço vertical assentar num traço horizontal prolongado para a direita.

O doutor Belchior Pimenta, faleceu a 3 de Setembro de 1629, foi a quinta pessoa a ser sepultada na 19.<sup>a</sup> cova do cruzeiro. O seu registo de óbito informa que (...) *estes ossos se tirarão a 10 de Julho de 1637*. À margem do mesmo lê-se ainda: *Pede João Pimenta de Sampaio que abrindo-se esta cova lho façam a saber para mandar recolher os ossos de seu pai*. Estas informações indicam que, a cumprir-se a prescrição citada, só em 1637 os ossos do Dr. Belchior Pimenta foram trasladados para a capela das Virgens, comprada por seu filho, a 13 de Agosto de 1636. Esta inscrição só deve ter sido executada depois desse acontecimento.

N.º 20



Inscrição informativa de consagração de altar e concessão de indulgência. Gravada num ossário de pedra embutido na parede à esquerda do altar. Colocado posteriormente, o altar oculta parte do ossário e respectiva inscrição. O ossário é de mármore branco com tampa de mármore preto. Os sulcos das letras foram preenchidos com betume negro. Dimensões: 78,5x50x27,5. Tipo de letra: capital quadrada e caligráfica minúscula usada em códices e livros impressos.

Leitura: ANNO DOMINI M. DCC.XXV. DIE IV. MENSIS FEBRUARI, / PONTIFICATUS / THOMÆ



PATRIARC(HAE) I. / ANNO IX. / DE CUJUS MANDATO / EGO JOANNES / ARCHIEPISCOPUS LACEDÄEMO-  
NIENSIS / CONSECRAVI ALTARE HOC / IN HONOREM / S(ANCTAE) QUITERIAE, URSULAE, / ET SOCIARU-  
MEJUS V(IRGINI) ET M(ARTIRUM) / ET RELIQUIAS / S(ANCTAE) XISTIP. ET PETRI M(ARTIRIUM) / ET / S(ANCTAE) CATHARINAE, ET CAECILIAE V(IRGINI) ET M(ARTIRUM) / IN EO INCLUSI. / ET SINGULIS CHRISTI FIDELIBUS HODIE UNUM ANNVM / ET in die, anniversario consecrationis / hujus modi, ipsum visi-  
tanti-/bus quadraginta dies de vera indulgentia in forma Ecclesie consueta / concessi.

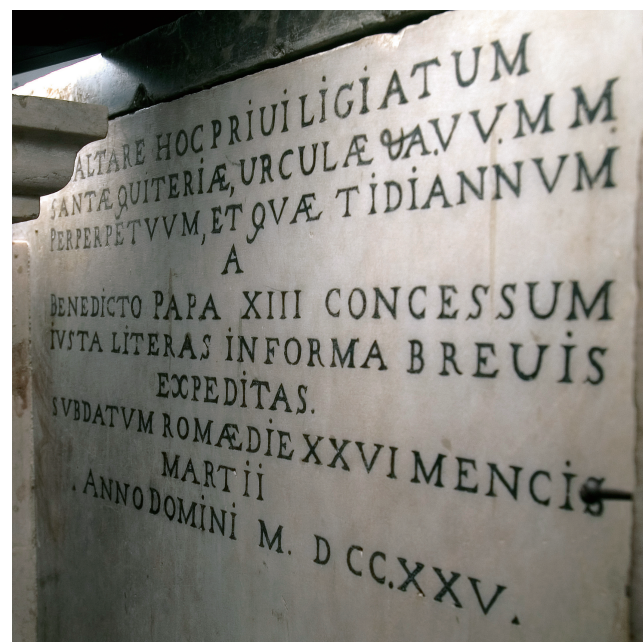
Tradução: A quatro de Fevereiro do ano do Senhor de 1725, ano nono do pontificado do Patriarca Tomás de Almeida, eu João, Arcebispo de Lacedomonía, por mandato dele consagrei este altar em honra das Santas Quitéria, Úrsula e Companheiras Virgens e Mártires, e nele encerrei as relíquias de São Xisto e São Pedro Mártires e de Santa Catarina e Cecília Virgens e Mártires. A cada um dos fiéis de Cristo concedi, neste dia, um ano de indulgência, e, do mesmo modo, aos que o visitarem no dia de aniversário da consagração, quarenta dias de indulgência, na forma habitual da Igreja.

Altura das letras: maiúscula: 1.1: 1 (A=1,6); 1.2:1,2; 1.3: 2,5; 1.4: 1,1; 1.5: 1 (J=1,3); 1.6: 2 (J=2,7); 1.7: 0,8; 1.8: 1,2; 1.9: 0,8; 1.10 e 11: 1,2; 1.12: 0,7; 1.13 a 15: 1,2; 1.16 e 17: 0,8. minúscula: 1. 18 a 21: corpo das letras: 0,5; hastes ascendentes e descendentes: 1. Espaços interlineares: 1: 3; 2 a 4: 1; 5 a 14: 0,7/ 0,8; 15 a 17: 0,5; 18 a 20: 0,3; 21: 6,3. Bibliografia: Ribeiro, 1910, p. 469, (só a lê até à linha 12-inclusive- porque o resto da inscrição está tapada pelo altar).

## N.º 21

Inscrição informativa de concessão de altar. Gravada num ossário de pedra embutido na parede à direita do altar. Colocado posteriormente, o altar oculta parte do ossário e respectiva inscrição. O ossário é de mármore branco com tampa de mármore preto. Os sulcos das letras foram preenchidos com betume negro. Dimensões: 79,5x50x27,5. Tipo de letra: capital quadrada.

Leitura: ALTARE HOC PRIVILEGIATUM SANTAE  
QUITERIAE, URSULAE (ET) AV(IRGINI) M(ARTIRVM)  
/ PER PERPETVVM, ET QVAETIDIANNVM / A /  
BENEDICTO PAPA XIII CONCESSUM / IVSTA  
LITERAS INFORMA BREVIS / EXPEDITAS. / SVB DA-  
TVM ROMAE DIE XXVI MENCIS / MARTII / . ANNO  
DOMINI M. DCC.XXV.



Tradução: Este altar privilegiado de Santa Quitéria, Úrsula e Outras Virgens e Mártires é para dedicação perpétua e quotidiana. Tal foi concedido pelo Papa Bento XIII, conforme estas cartas despachadas por via breve. Dado em Roma no dia 26 de Março de Ano de 1725.

Altura das letras: L.1: 1,3; L.2:1,2; L.3: 1,1; L.4:0,9; L.5:1,1 (P=1,4); L.6:1,1; L.7:1,2; L.8 a 10: 1,1/1,2. Espaços interlineares: 1: 1,5; 2 a 3: 0,7; 4: 0,5; 5 a 10: 0,7; 11: 25,5.

Embora os dois ossários sejam idênticos do ponto de vista formal, as epígrafes são diferentes. Na inscrição n.º 21 utilizou-se somente um tipo de letra: a capital quadrada cujo módulo é praticamente regular. Na inscrição n.º 20 utilizaram-se dois tipos de letra: a capital quadrada, de módulos diversos, e uma letra minúscula usada normalmente em códices, denotando uma *ordinatio* rigorosa que procurou, e conseguiu, destacar de forma exemplar certas partes do texto.

## Cruzeiro

### N.º 22

Inscrição funerária. Gravada numa tampa de sepultura inserida no pavimento, cortada pela calha de ferro onde correm as portas da teia. Superfície epigráfica praticamente ilegível. Dimensões actuais: 191x65,5. Tipo de letra: capital quadrada.

Leitura: S(EPVLTVRA) DE [...]

### N.º 23

Desaparecida

Inscrição funerária. Gravada numa tampa de sepultura.

Bibliografia: Moreira, 1864, 2 vol, fl. 325; Ribeiro, 1902, p. 252.

AQUI JAZ PERO BARBOSA,  
LENTE JUBILADO NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA,  
E DO CONSELHO DE SUA MAJESTADE,  
NA CORTE DE MADRID E CHANCELLER-MOR  
DESTE REINO.  
FALLECEU A 19 DE JULHO DE 606

In Vitor RIBEIRO, *A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, ed. fac-similada, Academia das Ciências, Lisboa, 1998, Pag. 252

### Nº 24

Desaparecida

Inscrição funerária. Gravada numa tampa de sepultura.

Sª de Fran- /cisca de Si- /queia insig-/ne bemfeito-/ra desta ca- /sa. Falleceo /de idade de /78 annos a /16 de Maio /de 1624./ Requiescat /in pace”

Bibliografia: Moreira, 1864, 2 vol, fl. 325.

### N.º 25

Inscrição funerária. Embutida numa tampa de sepultura de madeira, inserida no pavimento da capela-mor. Campo epigráfico enquadrado por moldura relevada. Madeira: pau-santo e espinheiro. Dimensões: totais: 279,5x143; campo epigráfico: 239x103; moldura: 18/20. Tipo de le-

tra: capital quadrada cujo “E” tem a particularidade de ter um traço vertical a rematar o traço horizontal do meio.

Leitura: AQUI JAZ / D(OM) THOMAZ DE ALMEIDA / Iº



### PATRIARCHA DE / LISBOA

Altura das Letras: 6 (Q = 6,5). Espaços interlineares: 1:101,5; 2 a 4: 4; 5:101,4.

Bibliografia: Mena Júnior, 1894, p. 34; Ribeiro, 1902, p. 251.

Biografia: Ribeiro, 1902, pp. 240-251.

A primitiva inscrição funerária de D. Tomás de Almeida, cardeal e primeiro patriarca de Lisboa, falecido em 1754, encontra-se debaixo do actual estrado, no qual se insere esta epígrafe (ver inscrição n.º 26). Esta tampa de sepultura e respectiva inscrição foram feitas em 1894, quando se demoliu o antigo coro da capela-mor e se substituiu o sobrado de madeira que estava muito estragado<sup>29</sup>. A sua execução representa uma solução curiosa de preservação da memória da localização da sepultura deste prelado, encontrada pelos responsáveis das obras desta igreja naquela época. O facto de as letras estarem embutidas na madeira do pavimento é caso raro na epigrafia portuguesa.

### N.º 26

29. Cf. JÚNIOR, *Memória Justificativa...*, pp.12-13; Ribeiro, *A Santa Casa da Misericórdia...*, pag. 251.



Oculto pelo estrado do altar-mor.



Inscrição funerária. Gravada na metade inferior de uma tampa de sepultura e encimada por um brasão relevado lavrado em bronze (?). O campo epigráfico é enquadrado por uma moldura com os cantos em ressaltos. Mármore. Descrição heráldica: escudo de tipo italiano com dobre-cruz acompanhada de seis besantes (Almeida); ornatos exteriores: um ramo de palma e um de carvalho com pés passados em aspa atados por correia; tiara de três coro-

as com seus fanhões. Dimensões: impossíveis de obter. Tipo de letra: capital quadrada.

Leitura literal: D. O. M. / STA VIATOR SEPULCHRUM NE TANGITO H J E. R. DD. THOMAS S. R. E. / CARDIN DE ALMEIDA ULYSSP PATRIARCHA SACRIFICUS MAXIM / REGIS A SANCTIORIBUS CONSILIIS AC OLIM AB SECRETIS SUMMUS / REGNI CANCELLARIUS EP LAMEC MOX PPOTUCAL IBIQUE SENATUS / ET ARMORUM PRAEFECTUS SI DE NOBILITATE QUAERIS STEMMA IN S-/PICE SI DE FACTIS EX HOC DIGNITATUM CUMMULO ET ANNORU SE- /RIE CONJICITO ANNOS NON NUMERAVIT VIXIT LXX- XIII MENS. V. / DIES XVI MAGNIS VIRTUTIBUS TAM LONGAM FORTUNAE INDULGEN-/TIAM MERITUS OB. AN. MDCCLIV. III KAL MART. TUNC MORTALITA-/TIS MEMORIAM ECCLESIA RENOVAVIT EFFICAX DOCUMENTU IM- /MANI ATROPO E VITA RECISUS VIR DIGNUS IMMORTALITATE SO- /LUM HABUIT IN PRETIO QUAE DEO DESTINAVERAT OMNIA PAUPE- /RIBUS ET ECCLESIAE LEGAVIT HOC MAIUS ARGENTUM OMNE FA-/CTUM D ELISABETH. UT IN PRODIGENTIA VIRTUTEM EXERCE-/RET NON POST MORTEM IN VITA UNA DIE DONAVIT INTER/ SODALES JESU VOLUIT QUIESCERE UT IDEM ESSET MONUMEN-/TUM. AMORIS. ET CINERUM. DOLENT PRINCIPES. GEMUNT PAU-/PERES LACRYMAT LUSITANIA MOERET RELIGIO. SOLA IMPIE-/TAS EXULTARET. NI TALEM VIRUM QUI PRISTINAM EJUS AUDACI-/AM IN VIVIS COMPRESSERAT IN TUMULO AD HUC TIMERET TU / QUOQUE VIATOR SI TE PIETAS COMMOVET ABI MAESTUS. PATRUO DESIDERATISSIMO FILII FRATIS NATU MAXIMI HOC IN PUBLI-/CO LUCTU BENE MOERENTES POSUERE (sinal de fim de texto)

Tradução: A Deus Sumo Bem pára, caminhante. Não toques no sepulcro. Sua Excelência Reverendíssima o Eminentíssimo Cardeal D. Thomas de Almeida Primeiro Patriarca de Lisboa Sacerdote excelente Conselheiro do Rei para as coisas mais sagradas e outrora Conselheiro máximo do Reino Bispo de Lamego, pouco depois Bispo do Porto e aí Prefeito do Senado e dos Brazões. Se perguntas pela

sua nobreza, examina o braço se perguntas pelos seus feitos, conjectura-os a partir deste cúmulo de dignidades e da longevidade. Não contou os anos viveu LXXXIII anos e XVI dias. Dotado de grandes virtudes, mereceu a longa indulgência da fortuna. Morreu no ano de MDCCLIV, no dia III das Calendas de Março. Depois a Igreja renovou a memória da mortalidade com um eficaz monumento. Foi arrancado da vida pela parca terrível sendo um homem digno da imortalidade. Apreciou somente as coisas que a Deus se destinavam. Legou tudo aos pobres e à Igreja. Mais ainda: Um dia, não depois da morte, mas em vida, doou todos os objectos a D. Isabel a fim de que praticasse a virtude da prodigalidade. Quis repousar entre os Companheiros de Jesus, a fim de que fosse o mesmo o monumento do amor e das cinzas. Estão de luto os príncipes, gemem os pobres, chora Portugal inteiro, entristece-se a religião. Só a impiedade exultaria, se não temesse, mesmo sepultado, este homem tão ilustre que nos vivos reprimira a audácia antiga. Tu também, caminhante, se a piedade te esmorece, vai-te com tristeza. Os filhos do seu benemérito irmão mais velho colocaram isto, em sinal de luto público, em honra do saudosíssimo tio.

Bibliografia: Machado, tomo IV, p. 272; Conceição, 1829, pp. 282-285; Moreira, 1864, vol. 2, fls. 326-327; Mena Júnior, 1894, pp. 34-35; Ribeiro, 1902, pp. 249-250; Opúsculo publicado pelo Museu de São Roque, s.d.. Como já foi referido a colocação de um estrado de madeira na capela-mor ocultou esta campã inserida no pavimento de pedra. Em 1894, quando se procedeu à remodelação do coro da capela-mor, esta inscrição é encontrada e descrita por Mena Júnior da seguinte forma: (...) *está gravada com letras de bronze em uma bela lápide de mármore cinzento de 2<sup>m</sup>,70 x 1<sup>m</sup>,30 e é encimada pelo brasão dos Almeidas sobrepujado pela tiara, tudo artisticamente executado em bronze*<sup>30</sup>. Num opúsculo intitulado *O Túmulo de D. Thomas de Almeida* editado pelo Museu de São Roque, cuja data e autor se desconhecem, publicou-se a fotografia desta inscrição o que permitiu confirmar o

testemunho daquele autor. Foi através dela que se fez a descrição e a transcrição literal mas a análise epigráfica não foi realizada uma vez que para efectuar medidas e confirmar se as letras foram cinzeladas em metal é necessário a observação directa da tampa sepulcral. Verificou-se que o texto original não coincide com as transcrições até à data publicadas. É necessário proceder à remoção da tampa de madeira para aceder à tampa de pedra o que não foi possível neste lapso de tempo, esperando-se que num futuro próximo esta inscrição possa ser objecto de um estudo mais aprofundado.

Em 1894 foi também encontrado o caixão que continha os restos mortais de D. Tomás de Almeida.<sup>31</sup> No caixão encontrava-se gravada a seguinte inscrição transcrita por Mena Júnior: DOM / THOMAS / S. R. E. / PRESBYTER CARDINALIS / PATRIARCHAE LISBONENSIS I. / VIXIT ANNOS LXXXIII / MEVSSES V DIES XVII / OBIIT DIE XXVII FEBR. / MDCCLIV / REQUIESCAT IN PACE.

## N.º 27

Inscrição funerária. Embutida numa tampa de sepultu-



ra de madeira, inserida no pavimento da capela-mor. Campo epigráfico enquadrado por moldura relevada. Nos topos superior e inferior existem dois orifícios destinados a levantar a tampa. Madeira: pau-santo e espinheiro. Dimensões: totais: 50x143,5; campo epigráfico: 29,5x124; moldura: 10. Tipo de letra: capital quadrada cujo “E” tem a particularidade de ter um traço vertical a rematar o traço horizontal do meio.

Leitura: AQUI JAZ / D(OM) FERNANDO MARTINS

30. Idem, *op. cit.*, pag. 36.

31. Sobre esta descoberta veja-se Mena Júnior, *Memória Justificativa*, pag. 28.



## MASCARENHAS / BISPO DO ALGARVE

Altura das letras: 4(Q=4,5). Espaços interlineares: 1:6; 2:2, 6; 3:5,7, 4:101.

Bibliografia: Mena Júnior, 1894, p. 12; Ribeiro, 1902, p. 251.

Biografia: Ribeiro, 1902, p. 243-245.

A primitiva inscrição funerária de D. Fernando Martins Mascarenhas, bispo do Algarve de 1595 a 1616 encontra-se provavelmente debaixo do actual estrado no qual se insere esta epígrafe (ver inscrição n.º 28). Tal como a inscrição n.º 25 também esta tampa de sepultura e respectiva epígrafe foram feitas em 1894, e decerto pelo mesmo artifice como denunciam as semelhanças paleográficas entre ambas.

### N.º 28

Oculto pelo estrado do altar-mor.

Inscrição funerária. Gravada numa tampa de sepultura armoriada com brasão de armas<sup>32</sup>, inserida no centro do cruzeiro, junto dos degraus da capela-mor. Desconhecem-se as medidas. Tipo de letra: capital quadrada.

Bibliografia: Machado, 1747, tomo II, p. 35; Moreira, 1864, vol. 2, fls. 325v-326; Mena Júnior, 1894, p. 26; Ribeiro, 1902, p. 244; Sousa, 1940, p. 163, n.º 411 (leitura de Mena Júnior).

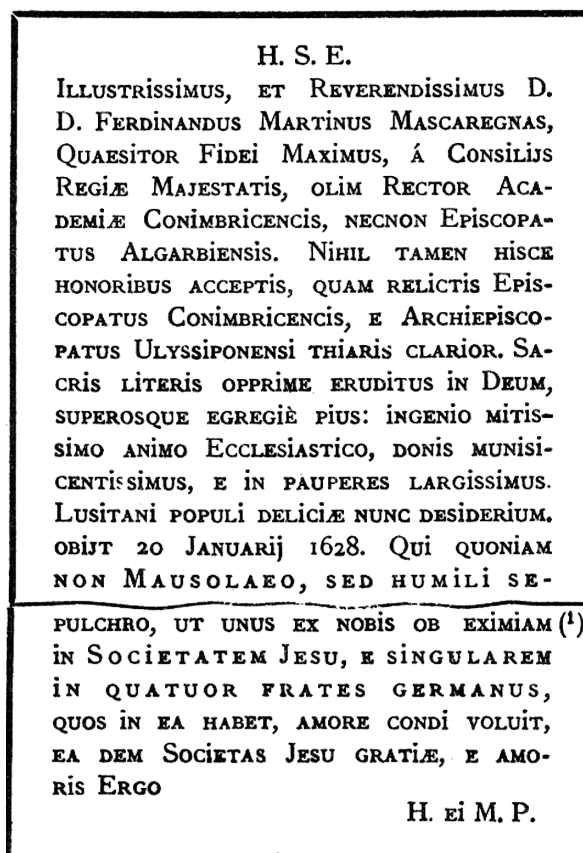
Obituário: p. 31, n.º 142.

Trata-se da primitiva inscrição funerária de D. Fernando Martins Mascarenhas, falecido em 28 de Janeiro de 1628, e sepultado no cruzeiro, na 11.ª cova. A construção do coro na capela-mor ocultou também esta campa que ficou debaixo do pavimento de madeira. Foi redescoberta em 1894 quando se procedeu à remodelação do mesmo. Apesar de se encontrar partida e muito erodida, Mena Júnior identificou-a como a tampa da sepultura de D. Fernando Martins Mascarenhas, transcrevendo a totalidade da epígrafe<sup>33</sup>. O estudioso seguiu decerto a leitura registada na *Bibliotheca Lusitana* uma vez que transcreve o texto completo.

No entanto, permanecem dúvidas relativamente ao documento de origem, uma vez que o texto da *Bibliotheca Lusitana* é um texto corrido que não corresponde à organização espacial do epitáfio gravado na tampa da sepultura. Moreira, muito provavelmente, copiou também o texto de Barbosa Machado, localizando a inscrição no cruzeiro da igreja. Se esta se encontrava tapada há cerca de 140 anos, como refere Mena Júnior em 1894, Moreira não a pode ter visto. O próprio explica que *Nesta igreja há mais campas, umas por gastas, e outras por cobertas com o grande estrado do cruzeiro, se não podem ler*<sup>34</sup>.

Segundo a versão de Mena Júnior, o epitáfio era o seguinte:

### Capela-mor



In Vítor RIBEIRO, *A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, ed. fac-similada, Academia das Ciências, Lisboa, 1998, pag. 244

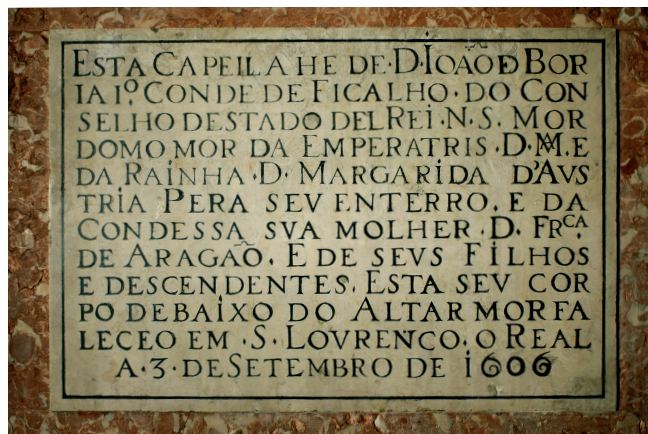
32. Este brasão foi reproduzido por JÚNIOR, *op. cit.*, pag. 1.

33. Sobre a descoberta desta inscrição leia-se JÚNIOR, *Memória Justificativa...*, pp. 23-24.

34. António Joaquim MOREIRA, *Collecção de Epithafios, Inscriptões e Lettreiros*, Academia das Ciências, 2 vol., fl. 327, 1864.

## N.º 29

Inscrição de posse de capela e funerária. Gravada numa



lápide em ressaltado num campo epigráfico emoldurado por um simples filete, aplicada sobre um painel de calcário vermelho que a enquadra. Sulcos das letras e filete da moldura preenchidos com betume negro. Calcário. Dimensões: totais: 65,5x97,3x0,8; campo epigráfico: 60,5x92; moldura: 2. Tipo de letra: capital quadrada.

Leitura: ESTA CAPELLA HE DE D(OM) IOÃO DE BOR-/ IA 1.º CONDE DE FICALHO · DO CON-/SELHO D'ESTADO D'EL REI N(OSSO) S(ENHOR) MOR-/ DOMO MOR DA EMPERATRIS D(ONA) M(ARI)A E / DA RAINHA D(ONA) MARGARIDA D'AVS-/TRIA PERA SEV ENTERRO · E DA / CONDESSA SVA MOLHER D(ONA) FR(ANCIS)<sup>CA</sup> / DE ARAGÃO · E DE SEVS FILHOS / E DESCENDENTES · ESTA SEV COR-/ PO DEBAIXO DO ALTAR MOR FA-/LECEO EM S(AM) LOVRENCO · O REAL / A · 3 · DE SETEMBRO DE 1606

Altura das letras: 3/3,3; de maior módulo: 3,8/4 (C e B=4,3; E=4,5; I=5). Espaços interlineares: 1:2,2/2,4; 2:1,6/1,9; 3:1,7/1,8; 4:1,3/1,4; 5: 1,5/1,7; 6:1,4/1,7; 7 a 8:1,5/1,7; 9: 1,2/1,5; 10: 1,4/1,7; 11: 1,5/1,7; 13: 3,1/3,3.

Bibliografia: Mena Júnior, 1894, p. 21; Ribeiro, 1902, p. 196; Sousa, 1940, p. 160, n.º 405 (leitura de Mena Júnior). Biografia: Ribeiro, 1902, pp. 25-195.

Esta inscrição apresenta algumas irregularidades. Não

existiram linhas auxiliares para orientar a gravação do texto o que provocou uma oscilação nas regras do mesmo, como indicam as diferenças nas medidas dos espaços interlineares. O texto parece não ter sido previamente desenhado no campo epigráfico como se verifica nas correções da gravação da data da morte de D. João, uma vez que debaixo do segundo dígito é visível um zero que depois foi tapado com betume branco e transformado num 6, e sob o último dígito é perceptível um 7, também disfarçado com betume branco, e alterado para um 6. Este último aspecto pode estar relacionado com o restauro que esta lápide sofreu em 1894, quando foi descoberta por Mena Júnior. Contudo, a existência de letras com módulos diferentes, o uso de pontos, ainda que bastante irregular, para separar as palavras, o recurso a nexos e a um monograma, provam que o texto teve um *ordinator* que o programou com cuidado.

Sabe-se, através da inscrição n.º 30 que o corpo de D. João de Borja foi colocado no carneiro da capela-mor, em 14 de Março de 1613.

Relativamente à informação contida na epígrafe, há que referir o texto do autor da *História dos Mosteiros* segundo o qual a mulher e os filhos de D. João de Borja, não se encontram sepultados na capela, ao contrário do indicado na inscrição: (...) *mas da dita capela se não aproveitou para sua sepultura mais que o dito João de Borja cujo corpo guarda um carneiro que ele mandou fazer com o pavimento da dita capela ficando ele só com o jazigo no dito lugar, o qual ainda que sua mulher (...) mostrou em vida e na morte desejo de acompanhar a seu marido, mas nem seus filhos (...) trataram de trasladar o corpo de sua mãe nem eles se lembraram mais desta sua capela (...) perdendo os padres as esperanças de como padroeiros da capela lhe fizessem o retábulo (...)*<sup>35</sup>.

35. *História dos Mosteiros...*, pag. 232.



### N.º 30

Inscrição indicativa da caixa onde foi colocado o corpo de D. João de Borja. Gravada numa placa de metal, outrora pregada na caixa, colocada sobre um dos nichos da cripta da capela-mor. Encontra-se bastante corroída. Linhas auxiliares marcadas. Metal. Dimensões: 19,5 x 56,5. Tipo de letra: capital quadrada.

Leitura: ESTA NESTA CAIXA O COR-/PO DE D(OM) Iº(AM) DE BORJA. Iº. CONDE DE FICA-/LHO O Q(VA)L FOI COLOCADO NESTA SVA CAPELLA/MOR EM 14 DE MARÇO DE 1613

Altura das letras: 1.1:3 (E=3,7); 1.2:2,5 (O=1; 0=1,5); 1.3:2 (0=0,7); 1.4=2. Espaços interlineares: 1:2; 2:2,6; 3: 2,5; 4:1,5; 5: 0,8.

Bibliografia: Mena Júnior, 1894, p. 23; Ribeiro, 1902, p. 197.

Apesar da oscilação verificada nas medidas das letras e dos espaços interlineares esta inscrição foi submetida a uma *ordinatio*. De facto, a marcação de linhas auxiliares para orientar a gravação do texto, a utilização de nexos, inclusões e monogramas em certas palavras demonstram que a inscrição foi elaborada para se adaptar à medida da lâmina de metal.

Esta epígrafe é bastante curiosa pois para além de identificar a caixa que continha a ossada de D. João de Borja, indica ainda a data da colocação do corpo no carneiro. Fica-se assim a saber que apesar de ter falecido em

1606, no Escorial, só em 1613 o corpo de D. João é depositado no jazigo da capela que instituía na Igreja de São Roque.

### Altar da Santíssima Trindade

### N.º 31

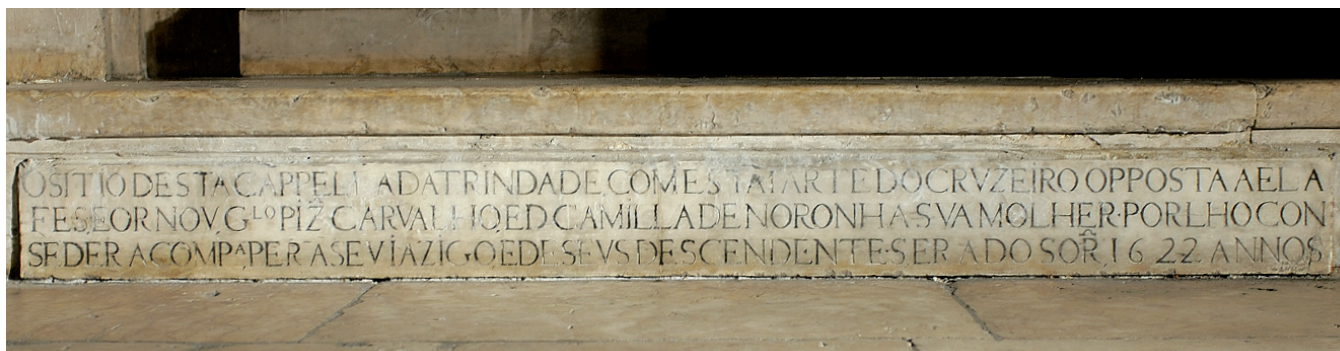
Inscrição comemorativa de construção de capela para sepultura. Gravada numa pedra que originariamente deveria constituir o lintel ou uma arquitrave da primitiva capela da Santíssima Trindade sita, no lado da Epístola, no cruzeiro. Sulcos das letras preenchidos com betume negro, estando algum já a sair. Calcário. Dimensões: 150x13x0,5. Tipo de letra: capital quadrada.

Leitura: O SÍTIO DESTA CAPPELLA DA TRINDADE, COM ESTA PARTE DO CRVZEIRO OPPOSTA A ELA / FES, E ORNOV, G(ONCA)<sup>LO</sup> PÍ(RE)Z CARVALHO, E D(ONA) CAMÍLLA DE NORONHA SVA MOLHER·POR LHO CON-/SEDER A COMP(ANHÍ)<sup>A</sup>, PERA SEV IAZÍGO, E DE SEVS DESCENDENTES, ERA DO S(ENH)OR, 1622 ANNOS

Altura das letras: 2,7. Espaços interlineares: 1: 1; 2 a 4:1,1/1,2.

Bibliografia: Moreira<sup>36</sup>, 1864, 2 vol. fl. 324v; Ribeiro, 1902, p. 199; Sousa, 1940, p. 161, n.º 408; Carvalho, 1962, p. 52; Brito, 1999, p. 46; Ferreira e Coutinho, 2004, p. 276.

Variantes de leitura: Sousa, 1940: “CAPELLA” por “CAPPELLA” e “IASIGO” por “IAZIGO”; Ferreira e Cou-



36. Este autor localiza erradamente esta inscrição na Capela do Espírito Santo.

tinho, 2004: “TRINDADE GOMES” por “TRINDADE COM ESTA”.

Biografia: Ribeiro, 1902, pp. 199-200; Carvalho, 1962, pp. 51-54; Teles, livro 3.º, cap. XXXX, p. 607; Machado, tomo III, p. 721.

O texto gravado em três linhas, é muito compacto existindo pouco espaço entre as diversas palavras; da letra capital quadrada de traçado regular destaca-se a figura do “E” cujo traço horizontal inferior é mais longo do que o superior.

Sabe-se pelos *Obituários* que em 2 de Abril de 1615, foi sepultado na 2.ª cova (das novas) do cruzeiro, Sebastião de Sá, filho de Gonçalo Pires Carvalho e de D. Camila de Noronha<sup>37</sup>; e que, em 1 de Maio de 1618, se enterrou no sítio que vai (...) *das gradinhas da comunhão para dentro, ao longo do nicho da Trindade debaixo das 3 cajas(sic), depois da primeira que está ao pé donde se põem as galhetas (...)*<sup>38</sup> João Carvalho, filho primogénito do referido casal. Ficaram assim os dois irmãos sepultados próximo um do outro, no cruzeiro, e perto do nicho da Trindade, tendo sido estas covas doadas a seus pais pelo padre provincial, por serem beneméritos da Companhia de Jesus, como se indica nos respectivos registos de óbito. Assim, o espaço cedido a Gonçalo Pires Carvalho provedor das obras reais de D. Filipe I, e a D. Camila de Noronha, sua mulher, para fazer a capela da Trindade correspondia ao local onde jaziam dois dos seus filhos, e provavelmente por esta razão eles o escolheram e por isso a quiseram ornar com (...) *um rico retábulo de pedras mui finas e perfeitas (...)* *mandado fazer em Roma*,<sup>39</sup>. Refere o autor anónimo da *História dos Mosteiros...* (...) *que o carneiro defronte da capela serviria apenas para sepultura dos defuntos, marido e mulher. Depois lhes concedeu o reverendíssimo padre geral que todas as vezes que seus descendentes pedissem sepultura ao padre preposito no dito carneiro ele lha concedesse*<sup>40</sup>.

No *Roteiro da Igreja de São Roque*, um equívoco na leitura da inscrição levou o autor a afirmar que *este altar foi fundado por TRINDADE GOMES para sua sepultura e de seus descendentes*, sendo a capela designada por *Altar em Mármore*<sup>41</sup>.

## N.º 32

Inscrição funerária. Gravada numa lápide relevada enquadada por uma dupla moldura: a primeira, que envolve o campo epigráfico, é em mármore amarelo; a segunda, muito saliente, em mármore preto. Localiza-se no topo do transepto Oeste do lado da porta que dá acesso à sacristia. Sulcos das letras pintados a dourado. Mármore de Carrara. Dimensões: totais: 12x90x4; moldura de mármore amarelo: 8,5; moldura de mármore preto: 36; campo epigráfico: 67,5x45. Tipo de letra: capital quadrada do séc. XIX.

Leitura: OSSA P(ATER) M(AGISTER) SIMONIS / RODERICI PIAE RECORDA-/TIONIS, QUI PROVINCI-/AM HANC LUSITA-/NAM FUNDAVIT, PRIMUS / IN EA PROVINCIALIS, / UNUS È NOVEN / B(EATI) P(ATRIS) N(OSTRI) IGNATII SOCIIS. / OBIIT IN HAC DOMO / XV JULII MDLXXIX

Tradução: Ossadas do Padre Mestre Simão Rodrigues, de piedosa memória, que fundou esta Província Portuguesa e foi seu primeiro Provincial. Foi um dos nove companheiros do Bem-aventurado Santo Inácio. Faleceu nesta casa a 15 de Julho de 1629.

Altura das letras: 2/3. Espaços interlineares: 1:10; 2 a 10:3; 11:9,5.

Bibliografia: *História dos Mosteiros...* p. 274; Moreira, 1864, vol. 2, fl. 324v; Mena Júnior, 1894, p. 18; Ribeiro, 1902, p. 236; Sousa, 1940, p. 159, n.º 404.

Obituário: p. 51, n.º 245.

Biografia: Ribeiro, 1902, pp. 236-239.

37. Victor RIBEIRO, *Obituários da Igreja e Casa Professa de São Roque da Companhia de Jesus desde 1555 até 1704*, Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa, 1916, pp. 13-14.

38. Idem, *ibidem*, pag. 52.

39. Cf. Ayres de Carvalho, *D. João V e a arte do seu tempo*, 1962, pp. 51-53.

40. *História dos Mosteiros...*, pag. 251.

41. cf. Maria Filomena BRITO, *Roteiro da Igreja de São Roque*, SCML, Lisboa, 1999, pag. 46. Num recente estudo sobre a construção desta capela incorre-se no mesmo erro, cf. Sílvia FERREIRA e Maria João Pereira COUTINHO, “Com toda a perfeição na forma que pede a arte ...”, pp. 274-276.





A inscrição foi submetida a uma *ordinatio* como indicam as medidas e a perfeita distribuição do texto no campo epigráfico. A figura das letras “Q”, “P” e “G” são idênticas às da inscrição n.º 34, revelando uma mesma proveniência.

No registo de óbito deste padre, diz-se, depois de um breve apontamento biográfico, que morreu no ano de 79 em vez do de 29, e que *está enterrado junto às gradinhas da comunhão da banda de dentro entre o padre Jorge Serrão e o padre Leão Henriques, defronte do altar-mor*. Mas numa nota à margem indica-se o seguinte: (...) *Estão agora os seus ossos em uma caixa na parede junto à porta da sacristia da banda da(sic) tem seu letreiro*.

Moreira no vol. 4, a fl. 833v refere que este epitáfio foi mandado fazer por D. Teodósio de Bragança quando se fez a transladação dos ossos do Padre Simão Rodrigues para este local<sup>42</sup>. Em 1894 esta epígrafe encontrava-se muito delida e por isso se regravou o texto e se avivaram as letras a doirado. Esta informação vem ao encontro do que se apurou na análise paleográfica que detectou semelhanças gráficas entre a letra gravada nesta epígrafe e a letra da inscrição n.º 34, indician-do que foram concebidas, muito provavelmente, pelo mesmo *ordinator*.

### N.º 33

Desaparecida

Inscrição funerária. Gravada numa tampa de sepultura (talvez a que se encontra defronte do Altar do Presépio). Moreira localiza-a próxima da ossada do Padre Simão Rodrigues.

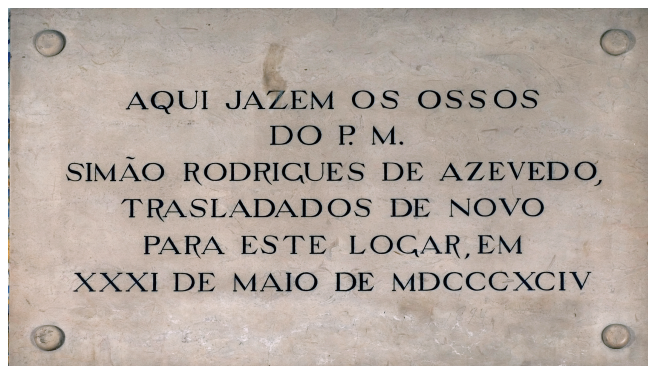
Bibliografia: *História dos Mosteiros...*, p. 276; Moreira, 1864, 2 vol, fl. 324v; Ribeiro, 1902, p. 253.

AQUI JAZ D. FRANCISCO DE BRAGANÇA,  
INDIGNO SACERDOTE DO CONSELHO DE ESTADO  
DOS REIS DESTE REINO,  
QUE EM SUA VIDA ESCOLHEU E FABRICOU ESTE LOGAR  
E CAPELLA E ALTAR QUE ESTÁ DEFRONTE,  
PELA MUITA DEVOÇÃO QUE TINHA A' COMPANHIA,  
PARTICULARMENTE A ESTA CASA  
FALECEU AOS XXXI DE JULHO DE MDCXXXIV.

In Vítor RIBEIRO, *A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, ed. fac-similada, Academia das Ciências, Lisboa, 1998, pag. 253

42. Veja-se a história da descoberta da ossada deste padre em JÚNIOR, pp. 17-20; e RIBEIRO, 1902, pp. 235-239.

N.º 34



Inscrição informativa de transladação. Gravada numa lápide rectangular, acantonada por quatro pequenas circunferências e colocada na parede do corredor de acesso à sacristia, do lado direito, sobre o revestimento de azulejos. Calcário. Sulcos das letras preenchidos com betume negro. Dimensões: 40,5x65,3x0,5. Tipo de letra: capital quadrada do séc. XIX.

Leitura: AQUI JAZEM OS OSSOS / DO P(ADRE) M(ESTRE) / SIMÃO RODRIGUES DE AZEVEDO, / TRANSLADADOS DE NOVO / PARA ESTE LOGAR, EM / XXXI DE MAIO DE MDCCCXCIV

Altura das letras: 2. Espaços interlineares: 1:9,3; 2:1,8; 3 a 6:2; 7:9.

Bibliografia: Mena Júnior, 1894, p. 18; Ribeiro, 1902, p. 236; Sousa, 1940, p. 170, n.º 429.

A regularidade das medidas atesta a existência de uma *ordinatio*. A letra gravada é do tipo capital quadrada, com um estilo característico de finais do século XIX, frequentemente utilizado nos cemitérios em lápides e jazigos. São característicos o “Q” feito a partir do “O” mas com um traço ondulado que o corta em baixo, o “R” feito a partir do “P” com a perna estreita e prolongada para a direita, e o “G” feito a partir do “C”, e que são idênticos, como já se disse aos da inscrição n.º 32.

Esta inscrição foi mandada fazer em 1864 durante a campanha de obras levadas a cabo na igreja pelo Dr. Tomás de Carvalho, 6º provedor da SCML, que terá sido o redactor

da minuta do texto epigráfico<sup>43</sup>. No Arquivo da SCML, procurou-se em vão, nos livros de despesas de obras referentes ao ano de 1894, alguma notícia sobre a proveniência da sua execução e respectivo valor.

## Sacristia

N.º 35



Inscrição funerária. Gravada em duas lajes transversais, uma num calcário rosa e a outra num branco, inseridas na decoração geométrica do pavimento, que inclui lajes de mármore negro. O texto gravado na laje branca encontra-se bastante erodido. Vestígios de betume negro nos sulcos das letras.

Dimensões: 1.ª laje: 21,5x78,5; 2.ª laje: 44x78,5.

Leitura: AQUI JAZ/D(OM) JERONIMO D(E) AZEVEDO/ XXII VIŞO REY DA INDIA / MORREO EM LISBOA A IX/ DE MARÇO DE MDCXXX

Altura das letras: 1ª laje: 5 (J=7; Q=6,5); 2ª laje: 5. Espaços interlineares: 1ª laje: 1:12;2:4,5;2ª laje: 1:8;2 a 4:3,5; 5:4,5.

Vítor Ribeiro, ao descrever a sacristia, afirma erradamente que esta inscrição se refere ao vice-rei *Hieronymo de Vasconcellos*<sup>44</sup>. Já o autor setecentista da *História dos Mosteiros...* descreve o pavimento, indicando o seu encomendador, e explica a razão da existência da sepultura do vice-

43. Cf. *Memória justificativa...*, pag. 17.

44. Cf. Ribeiro, *op. cit.*, pag. 253.



-rei naquela sacristia: (...) como a irmão inteiro que foi do insigne Mártir Inácio de Azevedo, e também por título de agradecimento aos muitos favores e graças que na Índia fez a toda a Companhia lhe deram os padres de São Roque a dita sepultura, que para ele foi também obra de misericórdia, porquanto o dito fidalgo veio a morrer no castelo desta cidade, preso, sem ter com que se enterrar, nem onde o enterrassem, tendo sido um dos grandes homens que viu a Índia (...)»<sup>45</sup>. Há no entanto um erro cometido pelo redactor da inscrição uma vez que Jerónimo de Azevedo foi o 20.º vice-rei da Índia e não o 22.º como nela se lê.

#### N.º 36

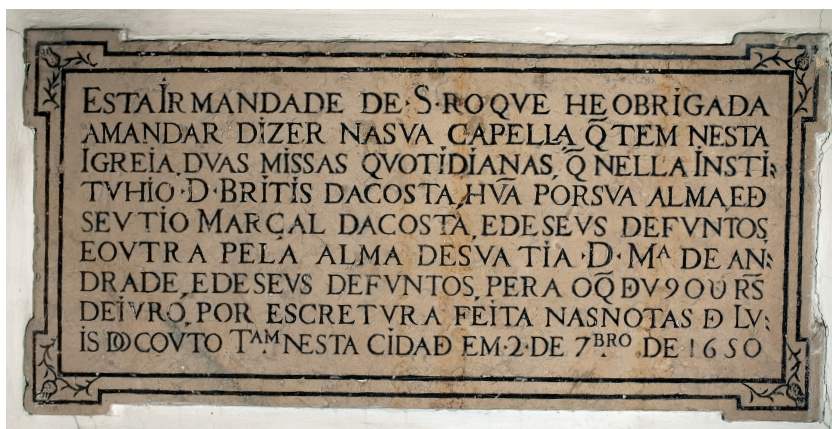
Inscrição funerária de Dom Jerónimo de Gouveia. Gravada numa laje de calcário branco. Dimensões totais: 219,5x69,5. O mau estado de conservação da superfície epigráfica não permite efectuar a leitura, a medição das letras e dos respectivos espaços interlineares. O tipo de letra deveria ser a capital quadrada.

Segundo o autor da *História dos Mosteiros...* o pavimento da sacristia (...) é todo coberto de mármore de varias cores feito à custa de dom Jerónimo de Gouveia, bispo de Ceuta, irmão do padre Francisco de Gouveia, preposito da mesma Casa de São Roque o qual bispo tem seu jazigo no meio da sacristia com uma grande campa com sua inscrição, e só a sepultura que a campa cobre tem por sua<sup>46</sup>. Desconhece-se, até à data, o teor da epígrafe.

#### Corredor e escada que acede à Casa do Despacho da Irmandade de São Roque

#### N.º 37

Inscrição informativa de obrigação de missas. Gravada numa lápide rectangular num campo epigráfico enquadrado por moldura de filetes duplos com os cantos em ressaltado onde se inscreve uma decoração de ramos de romanzeira. O canto superior direito está em mau estado de conservação. Colocada na parede do lado direito do corredor e



escada de acesso à Casa do Despacho da Irmandade de São Roque. Sulcos das letras, moldura e decoração preenchidos com betume negro, algum já a cair. Calcário. Dimensões: totais: 43x92,5x0,5; campo epigráfico: 33,5x83; moldura: 2,5/3,5. Tipo de Letra: capital quadrada.

Leitura: ESTA IRMANDADE DE S(ÃO) ROQUE HE OBRIGADA / A MANDAR DIZER NA SVA CAPELLA, Q(VE) TEM NESTA / IGREIA. DVAS MISSAS QVOTÍDIANAS, Q(VE) NELLA INSTI-/TVHIO D(ONA) BRÍTIS DA COSTA, HVA POR SVA ALMA, E DE / SEVTIO MARÇAL DA COSTA, E DE SEVS DEFVNTOS, E OVTRA PELA ALMA DE SVA TIA D(ONA) M(ARI)A DE AN-/DRADE, E DE SEVS DEFVNTOS, PERA O Q(VE) DE V 90 U R(E)S / DE IVRO, POR ECRETVRA FEITA NAS NOTAS DE LV-/IS DO COVTO T(ABELI)A<sup>AM</sup> NESTA CIDADÊ EM ·2· DE 7<sup>BRO</sup> DE 1650

Altura das letras: 1.1: 2,3 (E=2,8; I=4; S=3,2; Q=3); 1.2: 2,2/2,3; 1.3: 2,2/2,3 (I=3,5 e Q=3); 1.4: 2,2/2,3 (D e B=2,7); 1.5: 2,2/2,3 (M=2,5); 1.6: 2,2/2,3 (D e M=2,7; A=1,5); 1.7: 2,2/2,1 (Q=3); 1.8: 2/2,1 (L=2,5); 1.9: 2/2,2 (T=2,5; A, M, B, R, O = 1,5); Espaços interlineares: 1: 2,2/2,3; 2 a 9: 1; 10: 2,2/2,3.

Bibliografia: Moreira, 1864, 3 vol., fl. 685; Ribeiro, 1902, p. 186; Sousa, p. 167, n.º 421 (leitura de Vítor Ribeiro).

Variante de leitura: Ribeiro leu: “900 RS” por “90U RS”.

A inscrição foi submetida a uma *ordinatio* como provam a regularidade das medidas e o aumento propositado de certas letras que se pretendiam destacar do texto. No entanto, o espaço entre as letras e as palavras nem sempre

45. *História dos Mosteiros...*, pag. 277.

46. Idem, *Ibidem*.



é regular. Utilização de nexos e entrelaçados para poupar espaço e embelezar o texto. Note-se a abreviatura da palavra “Setembro” gravada “7<sup>BRO</sup>”.

Desconhece-se o primitivo local desta epígrafe. Procurou-se no *Cartório Notarial de Lisboa*, nas notas dos tabeliães, o registo desta escritura sem sucesso. Convém, no entanto, rectificar a quantia deixada por Dona Britis(=Beatriz) da Costa<sup>47</sup> à Irmandade de São Roque para mandar rezar, na sua capela, duas missas quotidianas pela sua alma e de seus familiares. Essa quantia não foi de 900 reis mas de 90 mil reis. Este engano deve-se a um erro de leitura cometido sistematicamente pelos autores que têm lido esta inscrição ao interpretarem o sinal em forma de “U”, indicativo de milhares e colocado depois do “90”, como se fosse um segundo zero.

Uma D. Maria da Costa, irmã de Marçal da Costa, foi sepultada na 14.<sup>a</sup> cova do cruzeiro em 12 de Maio de 1635(?)<sup>48</sup>

### N.º 38

Inscrição comemorativa da edificação e sagração da ermida de São Roque<sup>49</sup>. Gravada numa lápide num campo epigráfico rebaixado com moldura saliente; a última linha foi gravada no bordo inferior da moldura, talhado em forma de capialço. Colocada na parede do lado direito do corredor e escada de acesso à Casa do Despacho da Irmandade de São Roque. Apresenta moças na moldura, no campo epigráfico e o canto inferior direito está partido. Sulcos das letras preenchidos com betume negro. Calcário. Dimensões: totais: 55,5x61,5x1,5; campo epigráfico: 48x55; moldura: 3,5. Tipo de letra: gótico minúsculo de forma e gótico maiúsculo.

Leitura: Na · era · de mjl · e b<sup>c</sup> · e bj · aos · xxiiii · / dias · de m(ar)ço · se adificou · esta · ca- / sa · de sam · Roque (e)



na · era · de mjl / b<sup>c</sup> · e xb · aos · xxb · dias · de feuer(eir)<sup>o</sup> / se · co(n)sagrou · polo · b(is)po · do(m) · duar-te e o dito · b(is)po · outrogo(u) · p(er) · autori da- / de · apostolica · e(m) · cada · hu(m) · an(n)o · aos · xx / b · d(ias) · de f(euerei)<sup>o</sup> · R · d(ias) · de vera · e(n) · - · dulige(n)cia / se(n)do · aloy · pi(re)z · mordomo ·

Altura das letras: 1.1 a 8: minúsculas: corpo: 4; hastes ascendentes: 6,5 (d=4,5/5,5); hastes descendentes: 6,5 (q, g e p= 5,5); maiúsculas: 5,5, 1.9: 4,5 (p=3,5). Espaços interlineares: 1:2,5; 2 a 7: 1,5/1,7; 8: 1/2; 9:0,5/1; 10: 0/0,5.

Bibliografia: Moreira, 1864, 3.º vol., fl. 684v; Ribeiro, 1902, p. 181; Sousa, 1940, p. 159, nº 402 (leitura de Ribeiro); Morna, 1999, p. 10.

Variantes de leitura: Moreira leu: “d” por “de”; “v” por “b<sup>c</sup>”; “adeficou” por “adificou”; Ribeiro leu: “b” por “b<sup>c</sup>”; “p” por “p”; “ds” por “d/”; “lx” por “R”; “alon” por “aloy”; Morna leu: “v” por “v<sup>c</sup>”; “adeficou” por “adificou”; “Fev.” por “feuer<sup>o</sup>”; “d.s.” por “d/”; “XL” por “R”; “edulgen- cia” por “eduligencia”; omitiu: “d.” em “dom Duarte”.

47. Sobre D. Britis da Costa leia-se o que escreveu RIBEIRO, *op. cit.*, pag. 186.

48. Cf. RIBEIRO, *Obituários...*, p. 36, registo n.º 162.

49. Sobre a história desta ermida consultem-se os seguintes autores: Víctor RIBEIRO, *A Santa Casa da Misericórdia...*, pp. 181, 185 e 187; Maria Filomena BRITO, *op. cit.*, p. 11; Teresa Freitas MORNA, “A Ermida de S. Roque Testemu-

nhos históricos e artísticos”, in *A Ermida Manuelina de São Roque*, Lisboa, 1999, pp. 9-15; RAMALHO, SOROMENHO, NUNES, SERPA, SANTOS e UMBELINO, “Da Antiga Ermida à Casa Professa de S. Roque: Alguns vestígios arqueológicos e antropológicos”, in *A Ermida Manuelina de São Roque*, Lisboa, 1999, pp. 28-33.

A análise epigráfica revela que muito provavelmente a última linha da inscrição não estaria prevista inicialmente quando se elaborou o texto pois está gravada no bordo inferior da moldura, possui dimensões diferentes e está descentrada. Decerto o mordomo da confraria de São Roque naquela época, Eloi Pires, mandou acrescentar o seu nome à epígrafe.

Interessante, por ser pouco habitual, é a utilização de letras do alfabeto gótico maiúsculo em vez das do alfabeto carolino-gótico super-maiúsculo. Destaque para a figura maiúscula do “R”,  de tipo quase cursivo, e também aqui usada para valer de “40” e para a abreviatura “d/”  (=dias) que apresenta figura extravagante.

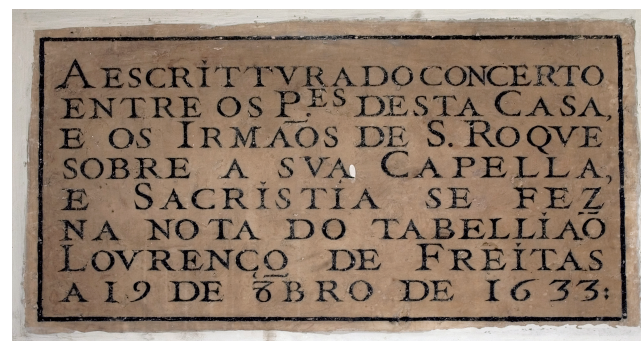
Esta inscrição proveniente da ermida de São Roque esteve colocada (...) *sobre a porta da sacristia da Confraria de São Roque*<sup>50</sup>. Em 1864 Moreira refere que a lápide se encontrava embutida na parede, do lado direito, (...) *no corredor que vai para a torre dos sinos* indicando também que *Esta é a noticia da fundação da ermida de São Roque, de que os Jesuítas tomaram posse no ano e 1555, por ordem del rei D. João 3º, e nela fundaram a sua chamada Casa Professa de São Roque, a qual pela extinção deles foi doada, por el rei D. José I, à Santa Casa da Misericórdia e Lisboa, e Hospital dos Expostos*. Actualmente esse corredor acede à sala da Irmandade de São Roque.

Esta lápide, documento único sobre a história da ermida de São Roque, deveria ser transferida deste local para o Museu de São Roque onde ficaria mais bem protegida e poderia ser vista pelo público em geral<sup>51</sup>.

### N.º 39

Inscrição informativa de escritura. Gravada numa lápide com moldura simples filetada; colocada sobre a porta da Casa do Despacho da Irmandade. Sulcos das letras preenchidos com betume negro. Calcário. Dimensões: totais:

(por a moldura se encontrar encastrada na parede e pintada é difícil obtê-las com precisão): 36x52,5; campo epigráfico: 31,5x57,5. Tipo de letra: capital quadrada.



Leitura: A ESCRITTURA DO CONCERTO / ENTRE OS P(ADR)<sup>ES</sup> DESTA CASA, / E OS IRMÃOS DE S(AM) ROQUE / SOBRE A SVA CAPELLA, / E SACRISTIA SE FEZ / NA NOTA DO TABELLIÃO / LOVRENÇO DE FREITAS / A 19 DE 8TVBRO DE 1633:

Altura das letras: 2,2 (A=3,5; P,C,I,S,R,F=3); Espaços interlineares: 1: 3; 2 a 8: 1; 9: 1,7.

Bibliografia: Ribeiro, 1998, p. 186; Sousa, 1940, p.164, n.º 413 (leitura de Ribeiro).

Note-se a abreviatura da palavra “Outubro” composta por “8BRO”.

Esta lápide esteve colocada ao lado das inscrições n.º 37 e 38 como indicam Moreira e Ribeiro. Actualmente encontra-se sobre a porta da Casa do Despacho da Irmandade. Sabe-se que os irmãos de São Roque e os padres jesuítas fizeram uma escritura de concerto, sobre a cedência da ermida, em 1553. Como o ano gravado nesta epígrafe, 1633, não é coincidente com aquele, Vítor Ribeiro considerou a possibilidade da data ter sido emendada<sup>52</sup>. Mas a análise feita à inscrição não demonstrou ter havido qualquer correcção naqueles dígitos. A data da escritura indicada na epígrafe não consta no livro de notas do tabelião Lourenço de Freitas<sup>53</sup>, ficando assim por apurar o teor da mesma.

50. Cf. Baltasar TELLES, *Chronica da Companhia de Jesus...*, parte segunda, livro quarto, cap. XX, pag. 93.

51. Já em 1902 Vítor Ribeiro referia que esta inscrição e a n.º 44 se localizavam (...) *em sítios escusos, desconhecidos de quase todos os visitantes e estudiosos*, in *A Santa Casa da Misericórdia...*, pag. 181.

52. Cf. RIBEIRO, *op. cit.*, p. 186.

53. IAN/TT, *Cartório Notarial de Lisboa*, (antigo n.º 1), Livro 182, cx. 36.



## Nave do lado do Evangelho

### Capela da Senhora da Piedade

N.º 40



Inscrição de posse de capela e funerária. Gravada em campo epigráfico relevado, quadrilobado, de mármore pintado de amarelo, inserido, no lado esquerdo, em cartela de mármore embutidos delimitada por filete. Apresenta uma fractura e remendos na zona do quadrilobo inferior. Vestígios de linhas auxiliares. Dimensões: 27,5x30,5x0,5. Tipo de letra: caligráfica usada em códices e em livros impressos.

Leitura: Esta Cap(ell)<sup>a</sup> / por doação gratu- / ita dos P(adr)<sup>es</sup> / desta caza he / de Martim G(onça)l(ve)s da Camara Irmão / do Conde da Calheta, escrivão da / Purid(ad)<sup>e</sup> d(e) El Rey D(om) Seb(asti)<sup>am</sup>, seu Ve- / ador da faz(end)<sup>a</sup>, e de

seu cons(elh)<sup>o</sup> de Es- / tado. Falleceu nesta caza de S(ão) / RoQue aos 6 de out(u)<sup>bro</sup> de / 1613, e nesta Cap(ell)<sup>a</sup> / jas sepultado

Altura das letras: maiúsculas: 1,5/1,6 (E=1,7; E=1,6); minúsculas: corpo da letra: 0,7/1; hastas ascendentes e descendentes: 1,5/1,7; letras sobrescritas: 0,5/0,6. Espaços interlineares: 1:0,5; 2 a 11:1,3; 12:1,2; 13:1,5.

Bibliografia: Moreira, 1864, vol. 2, fl. 323; Ribeiro, 1902, p. 205; Sousa, 1940, p. 160, n.º 406 (leitura de Ribeiro).

Variantes de leitura: Moreira leu: “Cap.” por “Cap.<sup>a</sup>”; “do seu” por “de seu”; Ribeiro leu: “casa” por “caza”.

Obituário: n.º 242, p. 50.

Biografia: Ribeiro, 1998, pp. 204-207.

No registo de óbito de Martim Gonçalves da Câmara refere-se que este morreu na Casa Professa de São Roque (...) *governou este reino no tempo del rei Dom Sebastião* e foi enterrado na capela do Crucifixo que lhe havia sido doada pela Companhia de Jesus para seu jazigo por ser dela “insigne benfeitor”. Fica-se assim a saber qual a invocação desta capela no século XVII.

N.º 41

Inscrição informativa da localização da Congregação de Nossa Senhora da Piedade, da construção e ornato da capela. Gravada em campo epigráfico relevado, quadrilobado, de mármore pintado de amarelo, inserido, no lado direito, em cartela de mármore embutidos delimitada por filete. Vestígios de linhas auxiliares. Dimensões: 27,5x30,5x0,5. Tipo de letra: caligráfica usada em códices e livros impressos.

Leitura: Nesta Cape- / lla está sita a congrega- / ção dos Irm(ã)<sup>os</sup> de N(ossa) S(enho)<sup>ra</sup> da Pie-/dade os Quais a fabricarão com / a pedraria, retabolo, e tribuna, e / a vão ornando á sua custa / na era de MDCCXI

Altura das letras: maiúsculas: 1,6/1,7 (N=2; C=1,2); minúsculas: corpo da letra: 0,4/0,5; hastas ascendentes: 1,7/1,8; hastas descendentes: 1,8 (g=2); letras sobrescritas: 0,6. Espaços interlineares: 1: 3; 2 a 7:2; 8: 0,9; 9: 3.

Bibliografia: Moreira, 1864, vol. 2, fl. 323-323v; Ribeiro, 1902, p. 205; Sousa, 1940, p. 169, n.º 424 (leitura de Ribeiro).



De realçar a pinta do “i” por ser semelhante ao acento agudo, composta por um ponto com um traço oblíquo ascendente.



Tal como sucede noutras capelas desta igreja também estas duas inscrições foram concebidas em conjunto. Os dois textos foram extraordinariamente bem distribuídos no campo epigráfico denotando a intervenção de um *ordinator* que estruturou os textos, escolheu o alfabeto, calculou o tamanho das letras e decidiu as abreviaturas. Para esta boa execução contribuíram as linhas marcadas no suporte para orientar as palavras, ainda hoje visíveis. A letra empregue nestas duas inscrições, datadas de 1711, é mais usual em códices e livros impressos e tem semelhanças com a utilizada nas epígrafes n.º 12, 13, 14, e 15 (datadas de 1719). Esta letra ajusta-se perfeitamente ao tamanho das cartelas

e à decoração da capela, por isso foi preferida à letra capital quadrada.

Em 1711 a Congregação da Piedade coloca estas duas lápides para informar que a capela lhe pertence e que nela está a realizar obras de ornamentação mas não esquece o seu primeiro instituidor Martim Gonçalves da Câmara que no carneiro da capela jazia desde 1613.

N.º 42



Inscrição informativa da localização da actual sepultura de Francisco Tregian, do achado do seu corpo e da homenagem prestada pelos ingleses católicos. Gravada numa lápide em campo epigráfico rebaixado delimitado por duplo filete. A lápide está encastrada no centro de uma estrutura de calcário rosa que imita uma porta, que actualmente fecha o acesso ao púlpito do lado do Evangelho. Na parte superior da porta, sobrepujando a inscrição, es-



cudo redondo com cruz ao centro, feita em dois tipos de pedra sobrepostos, sendo o braço horizontal mais curto que o vertical. Todos os lados se encontram com pequenas mossas chegando a interferir com o traçado do filete da moldura. Dimensões: totais: 211x94,2; campo epigráfico: 65,5x53,2; moldura de calcário rosa: 20; brasão: 29x22. Tipo de Letra: capital quadrada.

Leitura: AQUI ESTA EM PE O CORPO DE DOM / FRANCISCO TREGIAN, FIDALGO IN-/ GRES MVI ILLVSTRE: O QVAL DEPOIS / DE CO(N)FISCADOS SEVS ESTADOS, {,} E / GRANDES TRABALHOS PADECI-/DOS EM ·28· ANNOS DE PRISAM POLLA / DEFE(N)SA(M) DA FE CATOLICA EM ING(LATERR)A / NA PERSEGVICAM DA RAINHA ISA-/BEL NO ANNO DE ·1608· A 25 <DE> DEZ(EM)<sup>BRO</sup> · / MORREO NES- TA CIDADE DE LISBOA / COM GRANDE FAMA DE SANTIDA-/DE · AVENDO ·17· ANNOS Q(VE) ESTAVA SEPVLTADO, NESTA IGREIA DE / S(AM) ROQUE DA COMP(ANH)A DE IE(SV)S NO / DE ·1625; AOS ·25· DE ABRIL SE A-/CHOV SEV CORPO INTEIRO E / INCORRVPTO, E FOI COLLOCADO / NESTE LVGAR, PELLOS INGRESSES / CATOLICOS RESIDENTES NES- TA / CIDADE, AOS 25 DE ABRIL DE 1626

Altura das letras: 1.1 a 1.11: 1,7/1,9 (A=2,5); 1.12: 2; 1.13:2/2,2; 1.14:2/2,2 (Q=2,7); 1.15: 2,1; 1.16: 2/2,2; 1.17: 2; 1.18: 1,9/2; 1.19: 2/2,2; 20: 2,2. Espaços interlineares: 1: 0,7/0,9; 2 a 7:0,9; 8: 1; 9: 0,9/1; 10:0,9/1; 11:1; 12: 0,9/1; 13 a 20: 1; 21:1,7.

Bibliografia: *História dos Mosteiros*, pp. 272-273; Moreira, 1864, vol. 2, fl. 322v; Ribeiro, 1902, p. 251; Sousa, 1940, p. 162, n° 142; Brito, 1999, pp. 17-18.

Variantes de leitura: Moreia leu: “Dezb.<sup>ro</sup>” por “Dez.<sup>ro</sup>”; Sousa leu: “AVEDO” por “AVENDO”; Brito leu: “de pé” por “em pé”; “os seus” por “seus”; “Companhia IHS” por “Companhia de IHS”; “ano de” por “no de”.

Obituários: n.º 257, p. 55.

Texto simetricamente alinhado à esquerda; a altura das letras é alterada a partir da 12ª linha em diante, cerca de dois a quatro centímetros a mais, com a finalidade de chamar a atenção do leitor para esta parte do texto; recorreu-se com frequência a nexos, inclusões e entrelaçados para simultaneamente poupar espaço e enfeitar o texto; pontos de separação usados apenas na numeração, para a realçar; a letra “E” tem o traço inferior maior do que o superior. A abreviatura “IHS” (=Jesus) com o “H” a valer de “E”. Esta inscrição confirma as informações registadas na inscrição nº 10, segundo as quais o corpo de Francisco Tregian se encontrou inteiro e foi trasladado para debaixo do púlpito, e também as referidas na adenda feita ao registo de óbito que indicam ter sido o caixão colocado na vertical, acrescentando ainda novos elementos sobre a vida deste nobre católico. O seu redactor pode ter sido um padre da Casa Professa de São Roque, pois algumas das informações que nela se registam constam no registo de óbito de Francisco Tregian, cujo teor é o seguinte: *Nesta cova está enterrado dom Francisco Tregian cavaleiro inglês, que esteve preso em Inglaterra pela santa fé 28 anos sendo senhor principal de muitos vassallos com lhe tomarem toda a sua fazenda enfim desterrado de Inglaterra veio para esta cidade de Lisboa com entretenimento que el Rei lhe deu de 60 cruzados cada mes, e sendo de Idade de 60 anos, o levou Nosso Senhor para si aos 25 de Setembro de 1608.* Sabendo-se que na igreja de São Roque era costume abrirem-se as covas de três em três anos<sup>54</sup>, pois, normalmente, era este o tempo que um corpo levava a decompor-se, imagine-se o espanto que terá causado na época o facto de ao fim de dezassete anos se abrir uma sepultura e se encontrar um corpo incorrupto. Inglês católico e perseguido, Francisco Tregian passou a ser considerado um santo. O que é um facto é que o processo de beatificação de Francisco Tregian decorre actualmente em Inglaterra, impulsionado pela Diocese de Plymouth.

54. No códice pertencente a Congregação da Doutrina e intitulado *Livro das sepulturas*, já anteriormente citado, pode ler-se: *Advirta-se que o costume que se guardou sempre nesta igreja de São Roque é não se abrir cova onde*

*esteja algum corpo sepultado se não depois de três anos largos porque já se achou corpo inteiro depois de quatro anos*, Arquivo da SCML, códice assim denominado, fl. 1v.

## Capela da Sagrada Família

N.º 43



Inscrição informativa de doação de capela, carneiro e sacristia. Gravada numa lápide, na parede do lado esquerdo da capela, em campo epigráfico relevado delimitado por filete simples e enquadrado por moldura de óvulos. Sulcos das letras preenchidos com betume negro. Na terceira e quarta linha algumas letras encontram-se esborratadas por terem sido pintadas, em época posterior, com tinta da mesma cor.

Calcário. Dimensões: totais: 45,5x79,8x5,5; campo epigráfico: 29,8x64,5; moldura de óvulos: 5,5; moldura filetada: 1,8. Tipo de letra: capital quadrada.

Leitura: O SÍTIO DESTA CAPELLA, CAR- / NĒIRO, E SANCRÍSTIA, DERÃO OS / R(EVEREN)<sup>DO</sup>S P(ADR)<sup>ES</sup> DESTA S(AN)<sup>TA</sup> CAZA Á CON-/GREGAÇÃO DE AMOR EM GRAÇA, POR / ES<sup>C</sup>(RÍTV)<sup>RA</sup> NAS NOTAS DE G(ASP)<sup>AR</sup> DE CAR-/VALHO, EM · 13 · DE MAIO DE · 1634 ·

Altura das letras: de menor módulo: 3/3,2; de maior módulo: 3,6/4; sobrescritas: 2,2/2,4. Espaços interlineares: 1:1,3/1,5; 2 a 5:1,5; 6 a 7: 1,8.

Bibliografia: Moreira, 1864, vol. 2, fl. 322v; Ribeiro, 1902, p.203; Sousa, 1940, p.164, n.º 414, (leitura de Ribeiro).

A regularidade das medidas, dos espaços interlineares e do eixo de simetria parecem indicar que a inscrição foi submetida a uma *ordinatio* embora se registem algumas alterações nas letras, durante a gravação da epígrafe. Na primeira linha sob as letras “I” e “O” da palavra “SITIO” é visível um “O” que foi apagado com betume branco; na segunda linha o mesmo processo foi utilizado para fazer desaparecer o “I” que está debaixo do “E” de “NEIRO”. Usaram-se nexos e letras de módulo variado.

O pedido para fundar uma congregação (...) *de homens nobres que vivessem eles, e suas mulheres, a lei da nobreza, com o titulo de Jesus Maria (...)*<sup>55</sup> foi feito pelo padre Álvaro Pires, jesuíta da Casa Professa de São Roque, a Murcio Vitteleschi, padre geral da Companhia de Jesus que acedeu ao mesmo e o (...) *agregou, incorporou e uniu à da Anunciação do Colégio romano, e lhe comunicou, e concedeu todas a graças, (...)*<sup>56</sup> dando-lhe patente em 10 de Março de 1617. Os estatutos da Congregação são registados em 1623, e confirmados, em Abril desse ano, pelo padre Novais o qual ordenou que os mesmos (...) *se guardem na forma das bulas de sua santidade*<sup>57</sup>. Em 13 de Maio de 1634, como refere a inscrição, a Congregação de Jesus, Maria, José, obtém capela, carneiro e sacristia por doação gratuita dos padres da Casa Professa de São Roque, sendo a escritura da mesma registada nas notas do tabelião Gaspar de Carvalho. O registo desta escritura procurou-se sem êxito no *Cartório Notarial de Lisboa*, nos livros de notas dos tabeliães, e ainda em documentação vária respeitante a esta capela. Actualmente esta inscrição é o único documento conhecido que assinala o facto, revestindo-se assim da maior importância para reconstituir a história desta capela e da Congregação.

N.º 44

Inscrição indicativa de invocação, de posse, construção de capela e pagamento da mesma. Gravada numa lápide, na parede do lado direito da capela, em campo epigráfico

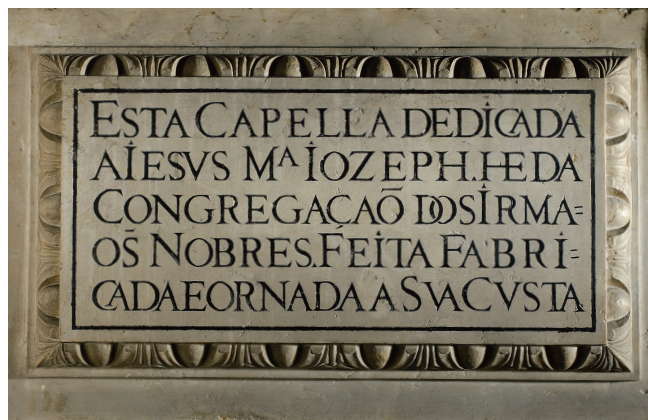
55. Arquivo da SCML, códice com o título *Estatutos da Congregação de Jesus Maria fundada na Casa de São Roque da Companhia de Jesu 1623*, fl. 1v.

56. Idem.

57. Idem, fl. 11.



relevado delimitado por filete simples e enquadrado por moldura de óvulos. Sulcos das letras preenchidos com betume negro. Calcário. Dimensões: totais: 47,5x85x5,5; campo epigráfico: 30x66,8; moldura de óvulos: 5,5; moldura filetada: 1,5. Tipo de letra: capital quadrada.



Leitura: ESTA CAPELLA DEDICADA / A IESVS M(ARI)<sup>A</sup> IOZEPH. HEDA / CONGREGAÇÃO DOS IRMA-/OS NOBRES. FEITA FABRÍ- / CADA E ORNADA A SV<sup>A</sup> CVSTA  
Altura das letras: de menor módulo: 3,8/3,9; de maior módulo: 4,5/5; sobresscritas: 2,7. Espaços interlineares: 1: 1,8/2; 2 a 5: 1,8; 6: 2.

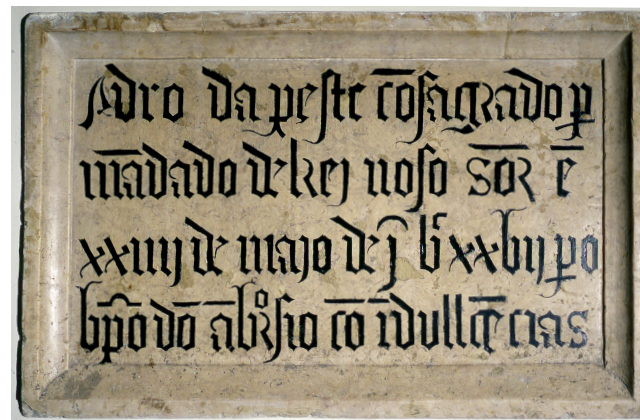
Bibliografia: Moreira, 1864, vol. 2, fl. 322; Ribeiro, 1902, p. 203; Sousa, 1940, p. 162, n.º 409 (leitura de Ribeiro).

Variantes de leitura: Moreira leu: “JEZUS” por “IESVS”. A inscrição foi submetida a uma *ordinatio*. Na palavra “IESVS”, nota-se uma correcção na letra “S”, que substituiu um “I” que foi tapado com betume branco.

Actualmente conhecida pela capela da Sagrada Família<sup>58</sup> era em 1623 da invocação do Menino Perdido como se refere no capítulo 1.º dos *Estatutos da Congregação: Assim os congregados, como todos os mais fieis cristãos que no 1º Domingo depois de dia de Reis, em que se celebra a festa do Menino Perdido, que é a da invocação desta Congregação, (...)* <sup>59</sup>.

## Edifício sede da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

N.º 45



Inscrição comemorativa da consagração do adro da ermida de São Roque<sup>60</sup>. Gravada numa lápide em campo epigráfico rebaixado, com moldura saliente internamente talhada em côncavo, excepto a moldura horizontal inferior, talhada em capialço. Sulcos das letras preenchidos com betume negro. Calcário. Dimensões: totais: 51,5x79,3x0,5; campo epigráfico: 39,5x68,3; moldura: 6,5. Tipo de letra: gótico minúsculo de forma e “A” maiúsculo gótico.

Leitura: Adro da peste co(n)sagrado p(er) / ma(n)dado del rej noso S(enh)or e(m) / xxiiij de mayo de j bº xxbij p(er) o / b(is)po do(m) a(m)brºsio co(m) i(n)dullgē(n)cias

Altura das letras: corpo das letras: 5 (A=7); hastas ascendentes: 6,5/7,5; hastas descendentes: 7,5/9,7. Espaços interlineares: 1: 3; 2 a 4: 4,5; 5: 1,5.

Bibliografia: Moreira, 1864, 3º vol., fl. 684v; Ribeiro, 1902, p. 182; Sousa, 1940, p.159, n.º 403 (leitura de Ribeiro); Morna, 1999, p. 10.

Variantes de leitura: Moreira modernizou a leitura e leu: “por” em vez de “per”; “pelo” por “per o”.

58. Maria Filomena BRITO, *Roteiro Igreja de São Roque*, SCML, Lisboa, 1999, pag. 42.

59. Arquivo da SCML, códice supracitado, fl. 2v.

60. Sobre o adro da peste vejam-se os estudos de RIBEIRO, *op. cit.*, pp. 182-183; BRITO, *op. cit.*, pag. 12; MORNA, *op. cit.*, pag. 10; RAMALHO et alii, *op. cit.*, pp. 23-24 e pp. 29-30.

Tal como na inscrição n.º 38 também nesta se preferiu o “A” do alfabeto maiúsculo gótico, mais comum na Paleografia, em vez do “A” do alfabeto super-maiúsculo carolino-gótico. O texto deve ter sido grafitado previamente no campo epigráfico e só depois o lapicida abriu os sulcos das letras. Acontece que este artífice se esqueceu de esculpir a perna da letra “g”, da palavra “indulgências”, ficando esta apenas grafitada, incompleta e sem betume negro. Destaque para o sinal de mil composto por um



“j” com um traço sobrescrito.

Desconhece-se o primitivo local desta inscrição. Baltasar Teles, no século XVIII, descreve-a como (...) *a pedra que temos conservada na casa de São Roque*<sup>61</sup>. Em 1864 Moreira<sup>62</sup> refere que se encontrava (...) *em um padrão de pedra metido na parede sobre uma varanda do pátio, ou claustro da cisterna* (...). E em 1902 Ribeiro vê-a no mesmo local (...) *em um dos topos de uma galeria que corre pela face norte do pátio grande das cisternas*. Actualmente encontra-se no edifício sede da SCML no corredor que dá acesso à sala das sessões da Mesa. Tal como a inscrição n.º 38 também esta inscrição, pelo valor histórico que encerra, se devia transferir para o Museu de São Roque.

## N.º 46

Desaparecida

Inscrição informativa da história da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Gravada numa lápide, colocada numa das paredes da nova sala da extracção da lotaria, construída no pátio das cisternas, e inaugurada na extracção da lotaria do Natal, em 1901. Mármore.

Bibliografia: Ribeiro, 1902, p. 386.

Esta inscrição foi mandada fazer pelo provedor António Pereira de Miranda, sendo o autor do seu texto, como o próprio informa, Vítor Ribeiro.

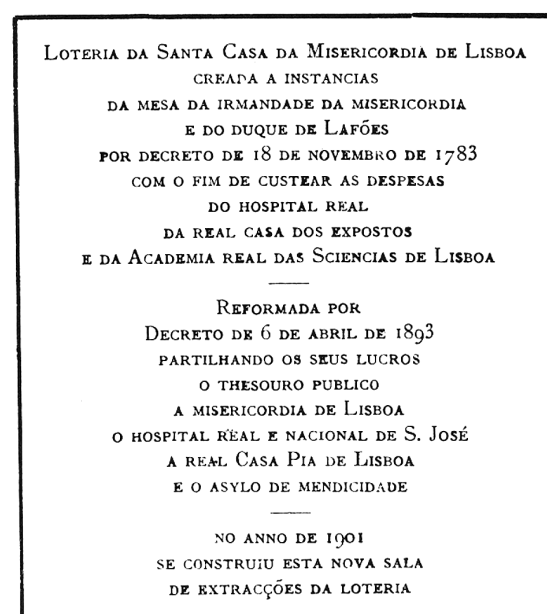
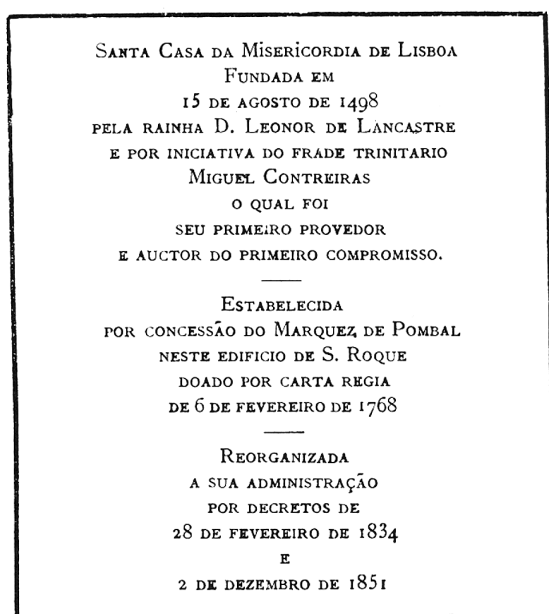
## N.º 47

Desaparecida

Inscrição informativa da história da Lotaria. Gravada numa lápide, colocada numa das paredes da nova sala da extracção da lotaria, construída no pátio das cisternas, e inaugurada na extracção da lotaria do Natal, em 1901. Mármore.

Bibliografia: Ribeiro, 1902, p. 386.

Tal como a inscrição anterior (n.º 46) também esta epígrafe foi mandada executar pelo provedor António Pereira de Miranda e o texto redigido por Vítor Ribeiro.



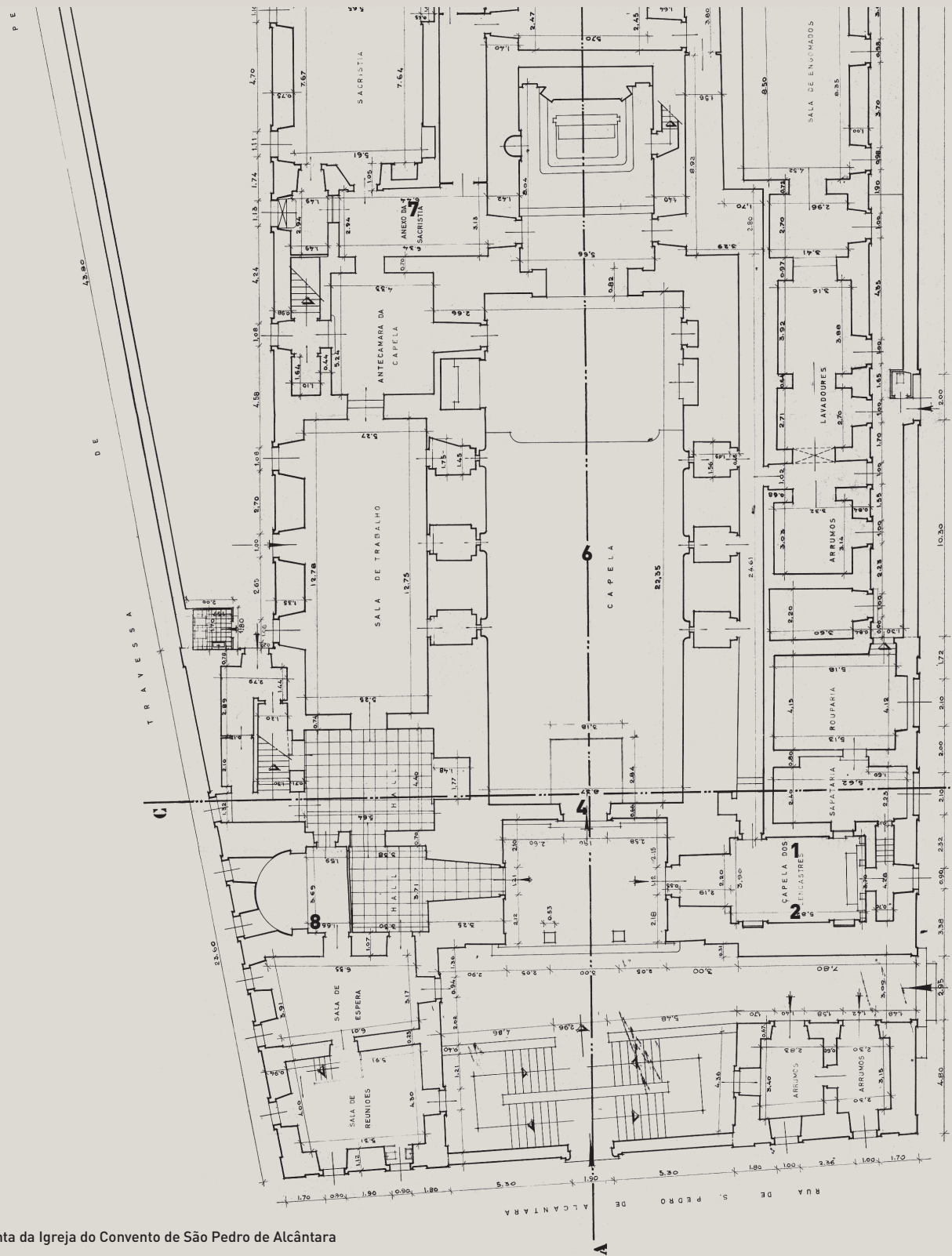
in Vítor RIBEIRO, *A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, ed. fac-similada, Academia das Ciências, Lisboa, 1998, pag. 386

61. Cf. TELLES, *op.cit.*, parte segunda, livro quarto, cap. XX, pag. 93.

62. MOREIRA, *op. cit.*, 2.º vol., fl. 327.

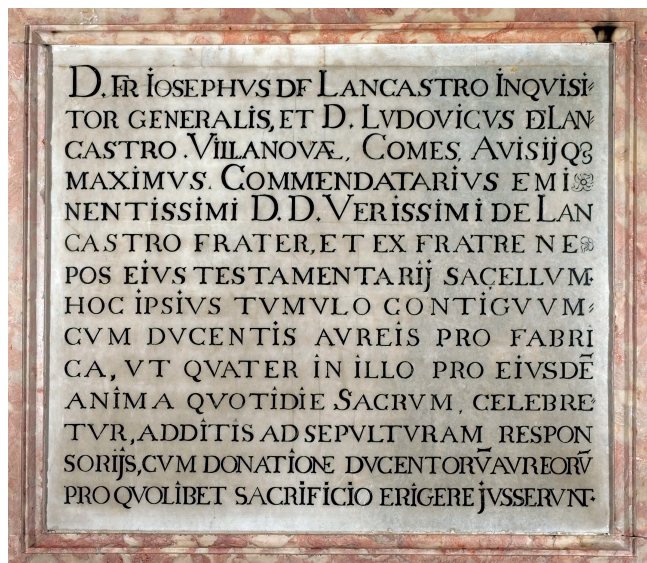


## CONVENTO DE SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA



## Capela dos Lencastres<sup>63</sup>

N.º 1



Inscrição comemorativa de construção de capela e informativa de instituição de missas. Gravada numa lápide, embutida na parede do lado do Evangelho, enquadrada por moldura independente de calcário rosa, contornada por filete em relevo com os cantos em ressaltos, onde se inscrevem círculos negros. No topo superior da lápide acrescentou-se uma faixa de pedra com 3,7 onde se completou a gravação da letra “D”, que inicia o texto. Calcário. Sulcos das letras preenchidos com betume negro.

Dimensões: totais: 135x148,5x1; campo epigráfico: 84,5x98,5; moldura: topo superior: 25,5; topo inferior: 26,5; flanco esquerdo: 22,5; flanco direito: 23. Tipo de letra: capital quadrada.

Leitura: D(OMINVS) F(RATE)R IOSEPHVS DF(sic) LANCASTRO INQVISI -/TOR GENERALIS, ET D(OMINVS) LVDOVICVS DE LAN-/CASTRO. VILLA NOVÆ, COMES, AVISIJQ(VE) / MAXIMVS. COMMENDATARIVS EMÍ-/NENTÍSSIMÍ D(OMINI) VERÍSSIMÍ DE LAN-/CASTRO FRATER, ET EX FRATRE NE-/POS EIVS

TESTAMENTARIJ SACELLVM. / HOC IPSIVS TVMVLO CONTIGVVM / CVM DVCENTIS AVREIS PRO FABRICA, VT QVATER IN ILLO PRO EIVS DE(M) / ANÍMA QVOTIDIE SACRVM, CELEBRE- / TVR, ADDÍTIS AD SEPVLTVRAM RESPON-/ SORIJS, CVM DONATIONE DVCENTORV(M) AVREORV(M) / PRO QVOLIBET SACRIFICIO ERIGERE JVSSERVNT.

Tradução: Dom Frei José de Lencastre, Inquisidor Geral, e Dom Luís de Lencastre, Conde de Vila Nova e Comendador Mor de Avis, irmão do Eminentíssimo Dom Veríssimo de Lencastre e sobrinho, pelo irmão, do seu testamento, mandaram erigir esta capela, contígua ao túmulo do próprio, juntamente com duzentos reis de ouro para a sua construção, para que nela se celebre diariamente missa por sua alma, acrescidas de responsórios junto ao túmulo, com a doação de duzentos réis de ouro para cada missa (sacrifício).

Altura das letras: 2,7/3. Espaços interlineares: 1: 6; 2 a 6: 2,3; 7: 2,5; 8 a 9: 2,3; 10 a 13: 2,5; 14: 2,3/2,5; 14: 4,5.

Bibliografia: Sousa, 1745, Tomo XI, p. 300; Moreira, 1864, 2.º vol, fl. 319; Ribeiro, 1902, p. 305; Sousa, 1940, p. 157, nº 397 (leitura de Ribeiro); Coutinho, 2002, pp. 55-56.

Variantes de leitura: Moreira leu: “SEPULCHRUM” por “SEPVLTVRAM”; Sousa referindo que a leitura é de Ribeiro regista: “EVM” em vez de “CVM”.

Biografia: Frei José de Lencastre: Coutinho, 2002, pp. 33-34. D. Luís de Lencastre: Coutinho, 2002, p. 39.

A inscrição foi submetida a uma *ordinatio* como demonstra a análise epigráfica. Regras, hoje imperceptíveis, foram marcadas na pedra para regular as letras. No início das linhas vêem-se riscos grafitados talvez executados por um compasso que era utilizado para fazer a marcação das regras e das letras. O alfabeto capital quadrado varia entre um módulo menor, usado na maioria do texto, e um outro maior utilizado como artifício para chamar a atenção do leitor para certas palavras. A pontuação é irregular e em forma de losango ou triângulo. Dois traços paralelos

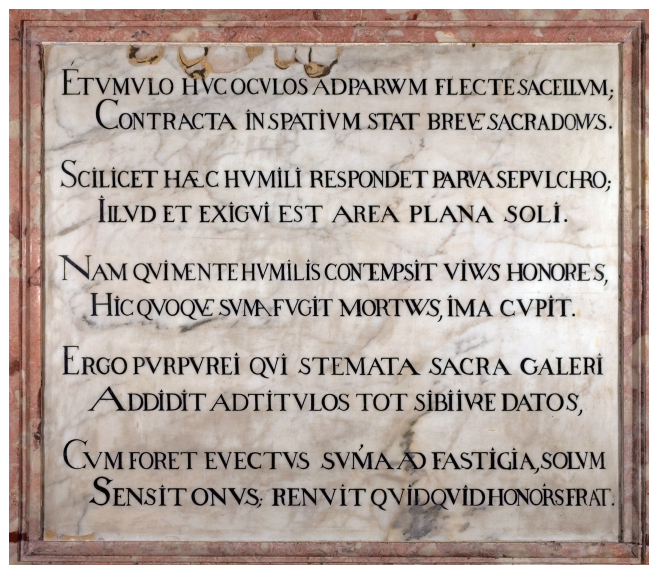
63. Sobre a construção e os instituidores desta capela consulte-se a tese de mestrado realizada por Maria João Fontes Pereira COUTINHO, *Os Embutidos*

*Marmóreos do Retábulo da Capela dos Lencastres do Convento de São Pedro de Alcântara em Lisboa*, II vols., Lisboa, 2002.



oblíquos são usados, como é habitual, como hífen mas na quarta e sexta linha são substituídos por uma flor, servindo esta também para decorar a inscrição.

## N.º 2



Inscrição laudatória. Gravada numa lápide, embutida na parede do lado da Epístola, enquadrada por moldura independente de calcário rosa, contornada por filete em relevo com os cantos em ressaltos, onde se inscrevem círculos negros. Calcário. Sulcos das letras preenchidos com betume negro. Vestígio muito ténue de linhas auxiliares.

Dimensões: totais: 135x148,5x1; campo epigráfico: 84x88,3; moldura: topo superior: 25,5; topo inferior: 26,5; flanco esquerdo: 22,5; flanco direito: 23. Tipo de letra: capital quadrada e algumas actuárias caso do “O” e de alguns “E”.

Leitura: É TVMVLO HVC OCVLOS AD PARVVM FLECTE SACEIVM; / CONTRACTA IN SPATIVM STAT BREVE SACRA DOMVS. / SCILICET HÆC HVMILI RESPONDET PARVA SEPVLCRO; / ILLVD ET EXIGVÍ EST AREA PLANA SOLI. / NAM QVÍ MENTE HVMILIS CONTEMPSIT VÍVVS HONORES, / HIC QVOQVE SVMA FVGIT MORTVVS, IMA CVPIT. / ERGO PVRPVREI QVÍ STEMATA SACRA GALERI / ADDIDIT ADTITVLOS TOT SIBI IVRE DATOS, / CVM FORET EVECTVS SVMA AD FASTIGIA, SOLVM / SENSIT ONVS; RENVIT QVÍDQVÍD HONORIS FRAT(sic).

Tradução: Do túmulo volta o olhar para a pequena capela. A casa sagrada está reduzida a um curto espaço. Na verdade esta pequena morada condiz com o humilde sepulcro: também ele é uma área plana e de espaço exíguo. Com efeito, este que, sendo humilde de pensamento, desprezou, enquanto vivo, as honrarias o mesmo também, depois de morto, fugiu das coisas mais altas e procurou as mais humildes. Por isso, este que acrescentou grinaldas sagradas de barrete púrpura a tantos títulos justamente atribuídos, ao ser elevado até aos mais altos cumes (da dignidade), apenas sentiu o peso (dela); recusou tudo o que era próprio da sua dignidade.

Altura das letras: 2,8 (C=5 e H=3,8). Espaços interlineares: 1: 6; 2: 3; 3:6,9; 4:3; 5: 6,9; 6: 3; 7:6,9; 8:3; 9:6,9; 10:3; 11: 5,5.

Bibliografia: Sousa, 1745, Tomo XI, p. 300; Moreira, 1864, 2.º vol, fl. 319; Ribeiro, 1902, p. 305; Sousa, 1940, p.157, n.º 398 (leitura de Ribeiro).

Variantes de leitura: Ribeiro leu: “PARVVVM” por “PARVVM”; “QUI” por “QVI”; “SIBIIVRE” por “SIBI IVRE”; “HONORS” por “HONORIS”; Sousa referindo que a leitura é de Ribeiro: “HONORES”.

O texto, organizado em linhas emparelhadas, apresenta uma disposição pouco habitual e encontra-se bem distribuído no campo epigráfico, com o recurso a linhas auxiliares ainda hoje visíveis, denotando *ordinatio*.

A análise detalhada a estas duas inscrições revelou que foram concebidas em separado e encaixadas posteriormente dentro das molduras. A lápide onde foi gravada a inscrição n.º 1 é de calcário branco e a da inscrição n.º 2 de mármore acinzentado; a letra capital quadrada escolhida para a inscrição n.º 1 é na inscrição n.º 2 de traçado mais alongado, quase actuária; a disposição do texto é desigual em ambas. Por outro lado, o facto das lápides estarem acrescentadas no topo, uma com pedra e outra com argamassa, indicia que não são contemporâneas das molduras e que tiveram que se adequar à dimensão destas.

### N.º 3

Desaparecida

Moreira faz referência à seguinte inscrição gravada *por cima da porta da Igreja, da parte de fora*: “*Conjugem Fidelem, Conjux Fidelissima / Amabilem Patrem Filii Amantissimi / MM HH*”.

Bibliografia: Moreira, 1864, 4.º vol., fl. 879v.

### N.º 4

Inscrição funerária. Gravada numa tampa de sepultura em campo epigráfico emoldurado por dupla moldura filetada. Inserida no pavimento do nartex e sujeita à passagem constante de quem acede ao interior da igreja, encontra-se muito degradada restando apenas três letras legíveis. Calcário. Dimensões: totais: 263,5x135; campo epigráfico: 239,5x111; moldura: 12.

Altura das letras: 2,5.

Bibliografia: Sousa, 1745, Tomo XI, p. 299; Moreira, 1864, vol. 2, fl. 318v; Ribeiro, 1902, p. 304.

Biografia: Coutinho, 2002, pp. 22-24.

Dom Veríssimo de Lancastre foi sepultado no adro da igreja de São Pedro de Alcântara, no lado direito da entrada, e aí mandou construir o seu jazigo. Como a igreja foi aumentada, a sepultura acabou por ficar dentro da igreja, mais propriamente no nartex, mas o carneiro permaneceu no pavimento da galilé, defronte da tampa de sepultura. O carneiro é composto por duas lajes de pedra calcária, anepígrafas e emolduradas por duplo filete simples. Estas lajes foram encomendadas pelo Conde de Vila Nova ao mestre canteiro Gaspar de Sousa, que, em 28 de Outubro de 1760, recebeu, pela obra, a quantia de 8.400 réis<sup>64</sup>. As lajes originais foram destruídas no terramoto de 1755. O epitáfio de D. Veríssimo de Lancastre, escrito pelo padre Matias Correia, lente de escritura no Colégio da Companhia de Jesus e qualificador do Santo Ofício, foi esco-

lhido entre os cinco epitáfios redigidos para constarem na sepultura deste prelado<sup>65</sup>. Encontra-se ilegível pelo menos desde 1819<sup>66</sup>.

LATET HIC ET TACET, QUEM FAMA LOQUITUR ET PRODIT  
EMINENTISSIMUS D. D. VERISSIMUS DE LANCASTRO.  
GENUS SI QUAERIS?  
HIS FRIGET IN CINERIBUS, QUI OLIM JUVENIS CALUIT,  
LUSITANORUM, IMO ET TOTIUS EUROPAE REGUM SANGUIS.  
SI SAPIENTIAM?  
QUAM IN UTRAQUE REGNI HAUSIT ET EXHAUSIT ACADEMIA,  
IN COMMUNE ECCLESIAE BONUM PERENNI EFFUDIT SCATURIGINE.  
SI HONORUM GRADUS?  
SACRIS INITIATUS TUENDAE AUGENDOQUE FIDEI PARTES SUSCEPIT.  
DECURSIS SACRO AREOPAGO, ORDINE SUO MINORIBUS SUBSELIIS,  
IN SUPREMAM TANDEM GENERALIS INQUISITORIS ERECTUS SELAM.  
FABIO MAIOR MAXIMO, ET FELICIOR,  
CATHOLICAM NOBIS CUNCTANDO RESTITUIT REM.  
EX HISPANIARUM PRIMATE, FACTUS ECCLESIAE PRINCEPS PURPURATUS,  
PETRI CLAVES, ET SI NON OBTINUIT, VIRTUTIBUS MERUIT, QUIBUS CLARUIT.  
EX UNA OMNES DISCE HUMILITATE,  
QUAM IN VULGARIS TUMULI LAPIDE, CEU IN SPECULO POTERIS CONTEMPLARI,  
DE AETERNA SCILICET ANIMI MANSIONE MAGIS,  
QUAM DE MAUSOLEO CADAVERIS SOLLICITUS!  
SUA NIHIL INTERESSE DUXIT HUMI NE AN SUBLIME PUTRESCERET.  
REGNUM COELORUM, SI VENDITUR, ELEEMOSINIS EMIT.  
VERISSIMUS CITRA ADULATIONEM, PAUPERUM PATER.  
COELO CHARUS, ET SOLO.  
VIXIT JUSTISSIME ANNOS 76. OBIIT PIISSIME 12 DECEMBRIS 1692.  
QUIESCIT PLACIDISSIME AD DIEM SOLI DEO NOTAM.

In Vítor RIBEIRO, *A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, ed. fac-similada,  
Academia das Ciências, Lisboa, 1998, pag. 304

### N.º 5

Desaparecida (Monumento efémero)

Moreira, no 4.º volume da *Collecção de Epithafios...* a fólhos 878v a 879v faz alusão aos epitáfios colocados no mausoléu efémero construído expressamente para as exéquias e enterro do conde de Rio Maior, realizadas em 27 de Setembro de 1825. Transcrevem-se as inscrições tal como foram publicadas por aquele autor: *Na frente que*

64. Agradecemos à Dr.ª Maria João Fontes Pereira Coutinho esta informação, encontrada pela própria no IAN/TT, *Arquivo da Casa de Abrantes*, Livro 5 R, (n.º de Ordem 137), Documento 2749, fl. 194.

65. Cf. COUTINHO, Maria João Fontes Pereira, op. cit., vol. II, documento 2, pp. 14-26.

66. Cf. RIBEIRO, *A Santa Casa da Misericórdia...*, pag. 304.



olhava para a porta da Igreja: “Antonius . de Saldanha . / Oliveira . Sousa. Juzarte. / Jn Majoratu . de Oliveira . Sucessor XVII / De Rio Maior . Comes II. / Si non. Mente. Corpore Tamen. / Hic. Obdert. Adert. / Attendite. Spectatores. / Tantique . Viri. Virtutes. Aemulantes / Maestrae. Conjugis. / Maestrorumque. Filiorum. / Precibus. Ac. Fle-tibus . / Preces. Vestras. Fletusque, Miscentes . / Deum. Precamini. / Ut. Anima. Ejur / Requiescat . Jn. Pace”. Na face que olhava para a capella mor: (fl. 879) “Parentum . Amore. Patriaeque.Duct. / Non . Jn. Terra. Aliena. / Qua. Vitam. Finivit. / Art. Natali. Solo. / Hic. In. Sepulchro. Pa-trum. Suorum. / Sepeliri. / Sanctamque. Ressionem. / Sperare Voluit”. No lado do Evangelho: “Regi. Fidelis. Semper. Ac. Obediens. / Dum. Viveret. / A Rege. Ipso. Ma-ximus. Honoribus. / Decoratur. / Regis. Servitio. Extra. Patriam. Moriens. / Jta Mortuus. / A Rege. Pio. Postulat. Ut. Jn. Pátriam. / Deducatur.” Do lado da Epístola: (fl. 879v) “Religionis . Sanctae. Strenuus. Cultor. / Jtrans . Jn Terris. / Religiosas . Virtutes . Semper. Studens. / Exercere . / Religiosus. Quis. Unquam. Dubitabit . / Sam. Jn. Caelis . / Religionis . Illum . Magna . Proensia(?) / Possidere”.

#### N.º 6

Inscrição identificativa de encomendador. Gravada numa tampa de sepultura com moldura dupla fileitada de cantos curvos. Na primeira metade da tampa, num campo rebai-xado, esculpida uma pedra de armas. Descrição heráldica: escudo circular com uma dobre-cruz acompanhada de seis besantes (Almeida); ornatos exteriores: chapéu cardina-lício com cordões e 15 borlas de cada lado. Sulcos das letras preenchidos com betume negro, algum já a sair. Su-perfície epigráfica com sinais de erosão, alguns dos traços intermédios das letras “A” e “H” já desapareceram.

Dimensões: totais: 255,5x124,5; campo epigráfico: 166x108; campo heráldico: 69,5x102,5; brasão: 66,5x89.

Tipo de letra: capital quadrada.

Leitura: CLARISSIMO. VIRO / EXCELLENTISSIMO QVE. D(OMINVS) / THOMAE. DE. ALMEIDA / PA-TRIARCHALIS. ECCLESIAE PRINCIPALI. DECANO / ET / PRIMO. STVDIORVM. MODERATORI / AVUN-CVLO. CHARISSIMO / LVDOVICVS. DE. ALMEIDA /

COMES. AVINTENSIS / ET / MARCHIO LAVRADIENSIS / REGII. SENATVS. PALATINI / PRAESES /IN / AMORIS. GRATIQVE. ANIMI. SIGNVM / P. / ANNO. DOMINI. M. DCC. LXXXVI.

Tradução: Luís de Almeida, Conde de Avintes e Marquês



de Lavradio, presidente do Real Senado Paladino erigiu este monumento em sinal de amor e de reconhecimento ao caríssimo tio materno, o ilustríssimo varão e excelen-tíssimo Dom Tomás de Almeida, Deão Principal da Igreja Patriarcal e primeiro Reitor do Estudos, no ano do Senhor de 1786.

Altura das letras: 4/4,1. Espaços interlineares: 1: 9; 2 a 10: 4,3; 11: 3,2; 12: 4,3; 3: 4,2; 14: 4; 15 a 18: 3; 19: 13.

Bibliografia: Moreira, 1864, vol. 4º, fl. 769; Ribeiro, 1902, p. 302; Sousa, 1940, p. 156, n.º 396 (leitura de Vítor Ribeiro).

Variantes de leitura: Moreira leu: “Claríssimo” por “CHA-

RISSIMO”; Ribeiro leu: “AVNCVLO” por “AVUNVLO”; “CLARISSIMO” por “CHARISSIMO”; “SENATUS” por “SENATVS”; Sousa referindo que a leitura é de Ribeiro regista: “SENATVS”.

De realçar a qualidade gráfica da letra capital quadrada em sintonia com a qualidade escultórica da pedra de armas. Inserida no pavimento da igreja, sem qualquer protecção, a inscrição encontra-se ameaçada.

Mandada colocar por D. Luís de Almeida Soares Portugal e Mascarenhas, para homenagear seu tio, D. Tomás de Almeida, esta pedra gravada tem sido erradamente designada como tampa da sepultura deste patriarca<sup>67</sup>. O corpo de D. Tomás de Almeida foi sepultado na igreja de São Roque (ver inscrições da igreja de São Roque n.º 25 e 26).

#### N.º 7

Inscrição comemorativa de obras de restauro. Gravada



numa lápide, na parede, do lado direito, do corredor que dá acesso à sacristia, em campo epigráfico em resalto enquadrado por moldura dupla. Mármore cinzento. Sulcos das letras com vestígios de betume dourado. Dimensões: totais: 45x60,2x1; campo epigráfico: 35x50,3; moldura: 5. Tipo de letra: capital quadrada,

com um estilo característico de finais do século XIX, frequentemente utilizada nos cemitérios em lápides e jazigos.

Leitura: FOI RESTAURADA ESTA EGREJA / NO ANNO DE 1878, / SENDO PROVEDOR / DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA / O EX(CELENTISSI)<sup>MO</sup> S(E)N(HO)R. CONDE DE RIO MAIOR.

Altura das letras: 3,3 (o=0,4); Espaços interlineares: 1 a 6: 3.

Bibliografia: Ribeiro, 1902, p. 307; Sousa, 1940, p. 158, n.º 399 (leitura de Vítor Ribeiro).

Sabe-se que durante o mandato de António José Luís de Saldanha de Oliveira Jusarte Figueiredo e Sousa, 4.º provedor da SCML, se efectuaram várias obras no Recolhimento das Órfãs de S. Pedro de Alcântara, nome pelo qual era conhecido naquela época o convento. Consultados os *Documentos de despesa de caixa*, existentes no Arquivo Histórico da SCML, correspondentes à data inscrita na lápide, nenhuma obra na igreja se apurou em concreto. Existem de facto algumas ordens de pagamento relativas a obras em São Pedro de Alcântara mas nelas não se especifica a obra a que se destinavam, indicam apenas o material comprado<sup>68</sup>.

#### N.º 8

Inédita

Inscrição indicativa de execução de uma cruz. Gravada no terço inferior da lápide. O terço superior é decorado com embutidos; no centro foi sobreposta uma pedra rectangular com uma cruz gravada. Colocada na parede, à esquerda, junto do grupo escultórico designado por “Morte de São Francisco de Assis”. Sulcos das letras preenchidas com betume negro. Mármore. Dimensões: 36,5x20x1; embutido: 19x18; pedra com cruz: 10,7x9,5; campo epigráfico: 15x20. Tipo de letra: caligráfica minúscula e maiúscula usada em códices e

67. Cf. RIBEIRO, *op. cit.*, pag. 303.

68. Consultou-se ainda a obra *Provedores da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa desde 1851*, Arquivo Histórico/Biblioteca, SCML, Lisboa, 1995,

pp. 51-63, e os *Livros de Despesas de Obras*, datados de 1870 a 1879, Arquivo Histórico da SCML.



livros impressos.

Leitura: Esta crus fes santo / Antonio com a sua / mão sendo religi- / oso no convento / de são Vicente d(sic) / fora desta cidade

Altura das letras: corpo: 1,8; hastes ascendentes: 1,5/2; hastes descendentes: 2. Espaços interlineares: 1:1; 2 a 6:0,8; 7:1,3.

A letra gravada nesta inscrição, composta por maiúsculas e minúsculas, é proveniente de um alfabeto caligráfico comum, usado em códices e livros impressos e utilizada preferencialmente noutro tipo de suportes. É rara na Epigrafia portuguesa já que, para se gravarem inscrições, se escolhem normalmente as letras dos alfabetos caligráficos solenes. Esta letra tem semelhanças com a letra das inscrições n.º 40 e 41, da igreja de São Roque, datadas de 1711, pelo que também esta se pode datar do primeiro quartel do século XVIII.

Esta inscrição passou despercebida aos autores que se debruçaram sobre as epígrafes deste convento.





## Considerações finais

A análise sistemática do espólio epigráfico da Igreja de São Roque e do Convento de São Pedro de Alcântara revelou um património informativo do maior interesse. Como atrás se referiu, o acervo de São Pedro de Alcântara contém seis inscrições, metade das quais se referem à família Lencastre, devendo-se entender a igreja e a capela, onde se localizam as epígrafes, como “*uma obra de promoção familiar e afirmação mecénica no meio artístico lisiponense*”<sup>69</sup>. O património epigráfico de São Roque, mais vasto, revelou-se da maior importância, tanto para o conhecimento das vivências religiosas do século XVI ao século XVIII, como para o estudo da epigrafia moderna portuguesa.

São Roque reúne um conjunto de epígrafes de tipologias diversas que incluem não só inscrições funerárias (n.ºs 11, 16, 25, 26, 27, 28, 32, 35 e 36), mas também inscrições comemorativas, como a da edificação e sagração da ermida de São Roque, datada de 1506 (n.º 38), inscrições simultaneamente de posse de capelas e funerárias (n.ºs 19, 29 e 40), inscrições informativas de concessão de indulgências (n.ºs 12, 13, 14 e 20), inscrições informativas de construção e pagamento da obra de uma capela, como a da Congregação dos Irmãos de Nossa Senhora da Piedade, que assinala a construção da pedraria, retábulo e tribuna (n.º 41), ou ainda informações curiosas como a da descoberta do corpo incorrupto de Francisco Tregian, inglês, sepultado em pé (n.º 42), entre outras. Este património traduz a vontade da Companhia de Jesus expressa num documento de 1634, da Congregação da Doutrina, segundo o qual os congregados deverão pôr “...*uma pedra com letreiro em que se declare como a mesma capela é da dita congregação e sua irmandade assim e na forma que estão em outras capelas da dita igreja que pertencem a várias pessoas...*”<sup>70</sup>.

Nestas epígrafes, em pedra, madeira e metal, em letra gótica, capital quadrada ou letra caligráfica comum, muitas

delas perfeitamente integradas na decoração parietal dos altares e capelas, registaram-se os nomes de defuntos, de instituidores de capelas e irmandades, bem como datas de construção, instituição ou doação e até de passagens do Antigo e Novo Testamento. Destaque-se a originalidade da utilização em suporte pétreo da letra caligráfica comum do século XVIII, ensinada no manual *Nova Escola para aprender a ler, escrever, e contar...*<sup>71</sup>, e destinada sobretudo a textos em papel. Esta letra, concebida para ser desenhada à pena, exigia grande mestria e precisão quando executada com escopro e martelo. E ainda a técnica usada pelos canteiros lapídeas para disfarçar alterações na gravação dos textos que consistia no preenchimento dos sulcos das letras insculpidas com uma argamassa da cor da superfície da lápide com o objectivo de as dissimular.

O espólio epigráfico de São Roque tem que ser entendido como um elemento fundamental para retratar a história e vivência do edifício, referindo a cedência de espaços para a construção de capelas e sacristias, carneiros ou sepulturas. Este importante conjunto de informações, cruzado com os registos de óbitos e com a documentação inédita relativa à Congregação da Doutrina, pôs em destaque um aspecto até agora muito pouco conhecido de uma das funcionalidades da Igreja de São Roque: a construção e gestão do espaço funerário, abrangendo facetas tão diversas como a construção de carneiros, manutenção das sepulturas e respectivo lajeado, problemas dos maus cheiros que estes podiam provocar na igreja, modo de colocar os corpos nas covas, tempo de decomposição, pedidos de espaços para enterramentos, entre outros. Estas informações escritas sustentam os resultados da pesquisa arqueológica realizada em 1999<sup>72</sup>, que pôs a descoberto criptas e carneiros construídos sob algumas das capelas. A construção destes espaços funerários, alguns com o tecto abobadado, bem como a descoberta de corpos inumados com cal, correspondem às informações consignadas no *Livro do Tombo* já referido<sup>73</sup>.

69. Maria João Pereira COUTINHO, *op.cit.*, pag. 19.

70. IAN/TT, *Hospital de São José*, Livro 1283, fl. 138.

71. Manuel de Andrade FIGUEIREDO, *Nova Escola para aprender a ler, escrever e contar...*, Lisboa, Livraria São Carlos, 1973.

72. Consulte-se RAMALHO, SOROMENHO et alii, *op. cit.*, pp. 24-27.

73. IAN/TT, *Hospital de São José*, Livro 1283.

Apesar de toda esta documentação em pedra constituir um património de inegável valor histórico, continua a ser alvo de uma certa indiferença: situada frequentemente no chão ou nas paredes, é geralmente muito pisada (no caso do chão) e pouco olhada (no caso de chão e paredes), sofrendo uma degradação contínua. Várias inscrições desapareceram ao longo dos tempos devido a obras de demolição ou simplesmente de reconstrução. Actualmente subsistem no corredor de acesso à Casa do Despacho da Irmandade de São Roque e no Edifício Sede da SCML quatro inscrições do século XVI e XVII, uma delas alusiva à construção da ermida (n.º 38) e uma outra à consagração do adro da mesma (n.º 45), inscrições que já não se encontram no local de origem e que seria do maior interesse conservar no Museu de São Roque. De igual modo, seria interessante que a primitiva inscrição funerária de D. Tomás de Almeida (n.º 26), primeiro patriarca de Lisboa, fosse posta a descoberto, eventualmente protegida por uma cobertura translúcida, transferindo-se a tampa de madeira que hoje a cobre, para o Museu de São Roque.

É importante realçar que um documento epigráfico é sempre um documento único, cuja mensagem foi pensada para durar e perpetuar no tempo a memória de um personagem, de um evento ou de uma ideologia. Com o desaparecimento destas informações perdem-se fragmentos da história e um pouco da memória de todos nós.

Espera-se que este inventário possa contribuir para a preservação e divulgação deste importante acervo, alertando para a urgência da salvaguarda e conservação do património epigráfico português. ■